

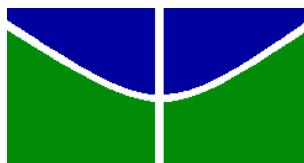


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**LETRAMENTO E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS  
RELIGIOSAS NO LETRAMENTO**

**JULIANA FERREIRA LEITE**

**Brasília-DF, Março de 2013**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**LETRAMENTO E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS  
RELIGIOSAS NO LETRAMENTO**

**JULIANA FERREIRA LEITE**

**Brasília-DF, Março de 2013**

**JULIANA FERREIRA LEITE**

**LETRAMENTO E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS  
RELIGIOSAS NO LETRAMENTO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Stella Maris Bortoni Ricardo.

**Comissão Examinadora:**

**Professora Doutora Stella Maris Bortoni Ricardo (Orientadora)**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professora Doutora Ana Dilma de Almeida Pereira**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Professora Mestranda Miliane Nogueira Magalhães Benício**

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

**Brasília, Março de 2013.**

**JULIANA FERREIRA LEITE**

**LETRAMENTO E RELIGIÃO: INFLUÊNCIA DE PRÁTICAS  
RELIGIOSAS NO LETRAMENTO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Stella Maris Bortoni Ricardo.

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Stella Maris Bortoni Ricardo (Orientadora)**

Universidade de Brasília

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Ana Dilma de Almeida Pereira**

Universidade de Brasília

---

**Prof<sup>a</sup>. Miliane Nogueira Magalhães Benício**

Universidade de Brasília

**Brasília, Março de 2013.**

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a execução dele, em especial à minha família, marido e amigos que sempre me apoiaram.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças e guiar para que eu pudesse dar continuidade a mais essa etapa da minha vida, pois sem Ele acredito que ninguém consegue seguir em frente.

A minha mãe que me apoiou e sempre contribuiu com palavras de incentivo e ânimo para eu continuar. Ao meu pai que sempre incentivou meus estudos. E a minha irmã, mulher sábia e temente a Deus, que sempre me deu forças com palavras de conforto e fé para que eu prosseguisse firme nos estudos.

Ao meu marido Erich Bastos que sempre me apoiou e foi a pessoa que mais me deu forças e contribuiu para minha formação; não me deixou desistir nos momentos de fraqueza e cansaço; ajudou-me e orientou-me em diversas situações e sempre esteve ao meu lado com palavras de apoio e força, nunca permitindo que eu desanimasse e desistisse.

À minha sogra que, como educadora, me incentivou e apoiou, contribuiu para a realização de diversos trabalhos acadêmicos com sua orientação e experiência.

Às minhas amigas Anna Carrollina, Jéssica Andrea e Janaina de Castro que estão ao meu lado em todos os momentos desde o ensino médio e contribuíram com sua amizade sincera para que eu nunca desanimasse nos estudos.

À professora Stella Maris e Ana Dilma por todos os ensinamentos, orientação, incentivo, carinho e apoio durante a realização deste trabalho.

À Naara Queiroz, amiga que fiz na faculdade, que sempre mostrou companheirismo e me deu forças em diversas situações, contribuiu com palavras de apoio e incentivo para minha formação e sempre esteve ao meu lado em todos os momentos e situações acadêmicas.

A todos os amigos que fiz durante esse período de formação e que de alguma forma contribuíram para meu desenvolvimento intelectual e pessoal.

E aos professores da Faculdade de Educação que contribuíram, orientaram e ensinaram sobre as práticas em sala de aula e os diversos métodos e formas de ensino de maneira proveitosa e satisfatória.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	v
AGRADECIMENTOS .....	vi
SUMÁRIO.....	vii
RESUMO .....	viii
ABSTRACT .....	ix
APRESENTAÇÃO.....	1
PARTE 1 - MEMORIAL EDUCATIVO .....	4
PARTE 2 - MONOGRAFIA .....	11
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO .....	11
1.1. HISTORIA DA ESCRITA .....	11
1.2. ESCRITA E LETRAMENTO .....	15
1.3. LETRAMENTO RELIGIOSO .....	21
CAPÍTULO II - METODOLOGIA.....	25
2.1. METODOLOGIA UTILIZADA .....	25
2.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	26
2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA.....	31
2.4. DESCRIÇÃO DA ROTINA DA SALA DE AULA .....	32
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	33
3.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS OBSERVADAS .....	34
3.2. ANÁLISE DE MOMENTOS DE RECREAÇÃO.....	43
CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
PARTE 3 - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS .....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51

LEITE, Juliana Ferreira. **Letramento e religião: Influência de práticas religiosas no letramento**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Trabalho Final de Curso (TFC), 2013.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo identificar de que maneira a religião contribui para os processos de ensino-aprendizagem, principalmente para o letramento. Para isso no referencial teórico exploram-se a história da escrita, o letramento e a influência que a religião teve para a aquisição da linguagem e letramento de diversos grupos sociais ao longo da história da humanidade. A pesquisa foi realizada por meio de observações feitas em sala de aula e eventos de uma escola confessional, com crianças na faixa dos dez anos de idade. Foram observadas as interações dessas crianças com as professoras e outros funcionários da escola, analisando as experiências e vivências ocorridas entre elas com influências do letramento religioso. Conclui-se, pela análise das observações, que as práticas religiosas influenciam diretamente no letramento dos alunos, facilitam a compreensão leitora e aprimoram tanto a fala como a escrita destes.

**Palavras-chave:** escrita, letramento, letramento religioso.



LEITE, Juliana Ferreira. **Letramento e religião: Influência de práticas religiosas no letramento**. Brasília – DF, Universidade de Brasília/Faculdade de Educação. Trabalho Final de Curso (TFC), 2013.

## **ABSTRACT**

This study aims to identify how religion contributes to the processes of teaching and learning especially in literacy. To explore this theoretical framework in the history of writing, literacy and the influence that religion had to language acquisition and literacy various social groups throughout the history of mankind. The survey was conducted through observations in the classroom and school events in a confessional, with children in the age of ten years old. We observed the interactions of these children with the teachers and other school staff, analyzing the experiences and experiences that occurred between them with influences of religious literacy. It concludes the analysis of the observations that directly influence the religious practices of students in literacy and reading comprehension facilitates and enhances both speech and writing these.

**Key words:** writing, literacy, religious literacy.

## APRESENTAÇÃO

Ao longo dos tempos o ser humano sempre buscou formas de aprender e ensinar, formas de se comunicar e escrever. Essa característica humana de comunicação é fundamental para o desenvolvimento da sociedade. Através do letramento e oralidade o ser humano evoluiu da escrita em pedras até os papéis e livros. Então surgem diversas línguas, dialetos e culturas letradas. A religião sempre foi influenciadora no processo de letramento e oralidade. Podemos perceber ao longo da história essa influência. Com isso pretende-se mostrar a importância de investigarmos melhor como as práticas religiosas influenciam no letramento, ou seja, como essas práticas podem aperfeiçoar e desenvolver o vocabulário, escrita e aprendizagem das pessoas.

O presente trabalho tem por objetivo geral identificar, com base na perspectiva histórico-cultural, a influência das atividades religiosas que a escola pratica em prol do letramento da criança. Para aprofundar essa temática, são explorados os seguintes objetivos específicos:

- Observar se as atitudes dos professores em sala refletem algum tipo de religiosidade;
- Observar se a religião influencia no relacionamento dos professores com os alunos;
- Observar atividades desenvolvidas na escola que sejam religiosas;
- Observar se os alunos são mais próximos devido à religião;
- Observar a influência da religião no letramento.

Será considerada ainda, como asserção principal se as atividades religiosas, como leitura da bíblia, orações e músicas envolvem as crianças em praticas de letramento. E as subasserções: Os vínculos contraídos na igreja de onde os atores provêm favorecem o tratamento por meio do vocativo tio e tia (gerando afetividade); As atividades que iniciam a jornada diária composta de músicas religiosas ajudam as crianças a memorizarem textos letrados; As crianças tornam-se capazes de criar textos de oração. Palavras de oração usam um gênero mais complexo.

O objetivo da pesquisa será em torno da escola confessional e sua influência na aprendizagem dos alunos. Utilizando as seguintes perguntas exploratórias:

- Como a escola confessional contribui para o letramento das crianças?
- Qual a importância da religião na fase de alfabetização?
- Como se comportam os alunos na escola confessional?
- Como se comportam os professores e funcionários na escola confessional?

- O vínculo entre os alunos na escola é maior por ser confessional?
- O vínculo entre os funcionários da escola tem influências religiosas?
- Os professores e funcionários da escola são evangélicos?
- Os alunos são de família evangélica?
- A escola possui rituais religiosos que são rotina?
- A escola possui festas com temas religiosos ou comemora festas e dias santos?
- Os alunos participam ativamente das festas religiosas?
- As crianças cantam os hinos religiosos tocados na escola?
- Como os professores e funcionários influenciam os alunos a aprenderem questões religiosas?

Para isso, são investigadas turmas de crianças de uma escola confessional da cidade de Guará (DF), observando a interação das crianças da escola, professores e funcionários, analisando como o relacionamento dos atores envolvidos no processo de aprendizagem e outros funcionários da escola, com suas práticas religiosas, influenciam no desenvolvimento dos letramentos das crianças. São consideradas principalmente as obras de Olson (1997) que aborda as questões conceituais e cognitivas da leitura e da escrita, abrangendo a cultura e história do letramento. Além disso, também será abordada a obra de Soares (1998) onde é trabalhada a questão do letramento e os gêneros que circulam socialmente e a nova perspectiva sobre a prática social da escrita, os significados do letramento de Kleiman (1995), o papel do professor pesquisador de Bortoni\_Ricardo (2008), História da riqueza do homem de Huberman (2010), também são utilizadas informações do Projeto Político Pedagógico da escola (2012) e o artigo de Jung e Semechechem (2009) que abordam a questão dos eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais.

A escolha da escola investigada se deu pelo fato de esta instituição trabalhar com educação religiosa, onde a religião faz parte do cotidiano dos alunos e suas práticas diárias são influenciadas diretamente por isso. Em todos os momentos os alunos são motivados e influenciados a utilizar meios religiosos nas atividades. Além disso, como a escola é confessional o vínculo entre os funcionários é mais afetivo. Assim a autora deste trabalho foi recebida com muito carinho pelos funcionários e alunos da escola.

O presente trabalho se divide em três partes:

A primeira parte trata-se de um memorial educativo onde é apresentada uma parte da trajetória educacional da autora, abordando tanto aspectos educacionais e acadêmicos como afetivos e pessoais que influenciaram a autora na realização deste presente trabalho.

A segunda parte corresponde à monografia em si e está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz o referencial teórico que serviu de base para a pesquisa, que, por sua vez está dividido em três momentos: O primeiro momento traz o histórico da escrita, origem, formas de escrita, evolução e trajetória de cada cultura; o segundo abrange tanto a escrita quanto o letramento, contribuições da aquisição da escrita para o letramento, cultura letrada e consciente, a escrita como fundamental na abordagem histórica; o terceiro momento e ultimo abrange letramento e religião, o papel da igreja e religião na história, influências de práticas religiosas no letramento das pessoas. O segundo capítulo aborda a metodologia utilizada para a pesquisa. O terceiro capítulo traz a análise e discussão dos dados coletados, à luz do referencial teórico apresentado. No quarto capítulo serão feitas as considerações finais, abordando os pontos conclusivos a que a pesquisa chegou.

A terceira parte do trabalho envolve as perspectivas profissionais da autora e uma reflexão acerca de suas intenções profissionais futuras.

## **PARTE 1**

### **MEMORIAL EDUCATIVO**

Sou Juliana Ferreira Leite, brasiliense. Já morei em Minas Gerais quando pequena, pois meu pai é mineiro. Porém, vivi praticamente a vida inteira aqui em Brasília e adoro essa cidade. Nasci em 07 de Junho de 1988, ano da aprovação da nova constituição brasileira. Sou filha de mãe carioca e pai mineiro, Ester Glória Leite e Antenor Ferreira Leite. Tenho três irmãos mais velhos, Simone Leite, casada, mãe exemplar de quatro filhos e grande exemplo na minha vida; Jefferson Leite, casado, pai de uma linda menina e formado em programação de sistemas e Samuel Leite, também casado e formado pela Universidade de Brasília em pedagogia. Há aproximadamente três anos conheci o grande amor da minha vida, Erich Chaves Bastos, meu marido. Moramos juntos há dois anos e seria impossível não falar da minha vida nesses últimos anos sem a cooperação, amor, amizade, companheirismo e tudo que esse homem significa para mim. Foi ele quem me ajudou a finalizar mais esta etapa da minha vida e tem tornado meus dias maravilhosos. Não posso deixar de fazer referência a minha família, em especial à minha mãe e irmã, que sempre ajudaram e contribuíram na minha educação e formação. Parte do que sou hoje devo à dedicação e esforço da minha mãe. Cresci em um lar de religião evangélica, então desde pequena tenho influências religiosas em minha formação educativa e moral, temor a Deus é uma das coisas que tenho de mais forte em minha vida, por isso acredito que tenha pensado como tema para minha pesquisa a influência de práticas religiosas no letramento, pois foi algo presente em toda minha formação.

Recordo-me de poucas coisas do período dos quatro aos seis anos de idade, porém relatarei alguns fatos relevantes: Aos quatro anos de idade estudei em uma escolinha no Cruzeiro Velho onde morava, na qual cursei o Jardim I e Jardim II. Não me lembro do nome da escola. Nesta época meu pai e minha mãe ainda eram casados e ele sempre me buscava na escola. Estudava no período da tarde e gostava muito das professoras que cuidavam de mim enquanto ficava lá. A escola era bem grande e possuía diversos brinquedos onde eu gostava muito de brincar com meus amigos. Aos cinco anos de idade minha mãe se separou do meu pai e ele foi morar novamente em Minas Gerais na cidade de Montes Claros onde mora até hoje; sofri muito na época, porém minha mãe e irmã souberam me dar todo apoio para que eu me adaptasse a essa situação, considero que minha irmã foi a primeira professora que tive, pois ela me ensinou o alfabeto e muitas coisas antes mesmo que eu começasse na escola.

Quando eu tinha seis anos de idade, fomos morar em Taguatinga Sul onde minha mãe me matriculou na 1ª série. Ela teve que conversar com a diretora, pois na época tinha que ter sete anos de idade para poder ser matriculado na 1ª série. Contudo como eu faço aniversário no meio do ano, consegui a matrícula em uma escola pública próxima à minha casa. Minha irmã mais velha sempre me deixava na escola, pois minha mãe trabalhava e, quando não podia, eu ia com meu irmão que também estudava na mesma escola e é 4 anos mais velho que eu. Tenho boas recordações dessa época, porém poucas. Lembro-me quando aprendi a montar frases e tive um pouco de dificuldade em formar palavras com LH e CH, pois sempre esquecia o H. Porém, minha professora na época soube me ensinar com muita paciência até que não me esqueci mais como usar essas letras. Nessa época, gostava muito de ler tudo que via na rua. Lembro que não podia ver uma placa ou outdoor que ficava muito empolgada para ler.

Sempre troquei muito de escola, por morar de aluguel e minha mãe sempre mudar de casa. Então não me recordo de algo relevante, nem onde cursei a 2ª e 3ª série. Quando fui para a quarta série, lembro que fomos morar em Taguatinga Norte e eu sempre fui uma ótima aluna. Nessa época fiz muitas amigas na escola e sempre estudávamos juntas. Eu tinha uma professora chamada Fátima e eu gostava muito dela. Porém antes de terminar o ano ela foi embora da escola. Fiquei muito triste. Ela conversou comigo individualmente e disse que voltaria à escola para me ver e cumpriu a promessa. Sempre que podia ela voltava lá. Quando fui para a quinta série mudamos novamente de casa, fomos morar em outra quadra de Taguatinga Norte. Mudei novamente de escola. Nessa escola fiz muitos amigos e tive uma professora de ciências muito legal. Adorava as aulas dela, sempre fazíamos coisas diferentes. Por ser essa professora diferente, lembro que foi demitida da escola, e todos os alunos ficaram muito tristes, pois ela fazia aulas práticas que eram muito boas e aprendíamos muito. Na sexta série continuei nessa mesma escola, porém estudava no período vespertino e minha mãe queria que eu estudasse pela manhã. Então me mudou de turma. Foi aí que meus problemas começaram. Na minha turma antiga minhas amigas eram da mesma faixa etária que eu. Nessa turma os alunos eram mais velhos e algumas meninas começaram a me ofender e ameaçaram me bater. Simplesmente por que eu era mais nova. Minha mãe foi até a escola e conversou com os professores e direção sobre isso. Eu sofri muito com as ameaças dessas meninas, porém continuei sendo uma boa aluna. Nessa época comecei a gostar muito de história, pois desenvolvemos um projeto para elaboração de quadrinhos de alguma parte da história do Brasil. Isso foi ótimo, pois aprendi muito e meu livro foi exposto na feira da escola. Foi um

dos momentos mais marcantes desse ano. Na sétima série, estudei em outra escola em Taguatinga e não me lembro de muita coisa, só de um professor de história, pois eu adorava as aulas dele. Sempre tinha algo diferente, ele fazia aulas dinâmicas e passava filmes. Era muito bom. Lembro também que a aula de educação física era em horário oposto ao das outras aulas. Eu achava isso terrível, pois estudava de manhã e sempre ficava cansada à tarde. Nos dias que tinha aula no período da tarde tinha que ir para escola de novo.

Finalmente, na oitava série, vim para o Guará onde moro até hoje. Aqui fiz amizades que duram há mais de dez anos, conheci meu grande amor e fixei raízes. A escola que estudei da oitava até o terceiro ano foi a mesma, o Centro Educacional 03 do Guará, conhecido como “Centrão”. Essa escola é ótima, modelo entre as públicas, tem um excelente auditório, sala de vídeo, laboratórios e câmeras fora das salas para monitorar quem entra e sai da escola. Eu sou a favor disso, pois enquanto eu estudava lá só serviu para ajudar em casos que realmente precisou de uma imagem para solucionar problemas. A escola era e é muito organizada. A coisa mais importante que me aconteceu na oitava série foi ter conhecido a minha melhor amiga Anna Carollina. Somos como irmãs até hoje, já que ela é filha única e eu a caçula. Então, não tive irmão da minha idade para compartilhar alguns momentos que só seriam possíveis com alguém da minha idade e que passava pela mesma fase da vida.

No primeiro ano do segundo grau tive muita dificuldade na disciplina de matemática. Nas demais me saí muito bem. Comecei a gostar muito de biologia. Todos diziam que eu devia ser professora de biologia. Nesse ano comecei a fazer espanhol no CILG\_Centro Interescolar de Línguas do Guará. Sempre foi minha paixão falar espanhol, mesmo antes de estudar a língua. Devido à minha crescente dificuldade em matemática que vinha de problemas de um ensino fundamental mal feito, acabei ficando de recuperação e por consequência fui para o segundo ano fazendo dependência em matemática do primeiro ano. Creio que isso se tornou uma bola de neve que fez com que eu tivesse cada vez mais dificuldade e trauma da disciplina de matemática, o que foi um indicador para que eu não quisesse fazer nenhuma faculdade que envolvesse exatas. No segundo ano, como descrito acima, continuei com muita dificuldade em matemática e por consequência em todas as matérias com cálculos, acabei reprovando neste ano, foi muito ruim. Fiquei triste, pois nunca tinha reprovado. Porém minha mãe foi muito compreensiva, pois eu era um pouco adiantada em relação à idade e série. Também devido a ter trocado muito de escola, acabei ficando com essa defasagem em matemática que atingiu meu segundo grau. Na segunda vez que fiz o segundo ano, acabei me tornando a melhor aluna da sala em biologia. Eu amava essa matéria

e ajudava o professor e os colegas da turma com as dificuldades. Todos falavam que eu tinha que fazer biologia na faculdade. Achei bom ter feito o segundo ano de novo, pois acabei sendo a melhor aluna em quase todas as matérias. Digo quase porque continuei com dificuldade em matemática, já que o professor ajudava a dificultar essa disciplina e sempre reprovava quase a turma toda. Muitos alunos saíam da escola no meio do ano quando viam que reprovariam em matemática, porém eu gostava muito da escola e não gosto de desistir de nada. Fui aprovada nesse segundo ano, porém fiquei novamente em dependência de matemática. No terceiro ano continuei sendo uma ótima aluna de biologia e me saía bem também nas outras matérias, exceto em matemática, eu amava os dias que tinha aula à tarde de espanhol no CILG. Ao final do ano passei em todas as disciplinas, porém fiquei de recuperação em matemática, como era de se esperar. Não consegui passar na prova, embora tenha me esforçado muito e feito aulas de reforço, por isso tive que pagar um supletivo em Taguatinga para fazer somente a disciplina de matemática. Fiquei muito triste com isso, pois meu diploma e histórico do segundo grau ficou como se eu tivesse feito neste lugar. Finalmente esse período da minha vida terminou.

Em 2007 continuei fazendo espanhol no CILG, pois o curso teve a duração de quase seis anos. Nesse ano comecei a trabalhar no meu primeiro emprego, na WISE UP um curso de inglês. Fiquei lá seis meses. Nesse período meu irmão estava tentando entrar na UnB. Ele fez vários vestibulares, mas não desistiu. Ele queria fazer história, mas conseguiu passar para pedagogia. Ele ficou muito feliz, esse era seu sonho, entrar na UnB. Eu ainda não pensava em começar faculdade, queria descansar um tempo e ainda tinha dúvidas sobre que curso queria fazer. Em 2008, comecei a pensar sobre que curso queria fazer na faculdade. Consegui um emprego no shopping enquanto terminava o curso de espanhol. Nesse período aconteceram muitas coisas na minha vida. Fui chamada para ser modelo e foi muito bom. Viajei para São Paulo, minha primeira viagem de avião sozinha e a primeira vez que fui para um hotel tão lindo. Conheci muitos atores, fiz oficinas, foi tudo como um sonho. Fiz alguns trabalhos como modelo, porém comecei a pensar nos meus estudos. Queria e precisava fazer algo, porém ainda não sabia o quê.

Em 2009 terminei meu curso de espanhol, me formei e recebi o certificado. Fiquei muito feliz por terminar, e triste por sair do CILG e deixar meus colegas e professores de quem eu gostava tanto. Nesse mesmo período tive que escolher um curso rapidamente, pois meu pai precisava que eu estivesse na faculdade para continuar tendo desconto para pagar meu plano de saúde, já que ele é servidor público. Então às pressas fui até a Faculdade



Evangélica da W3 Sul devido a uma propaganda que vi na televisão, fiz o vestibular e em seguida me matriculei no curso de pedagogia. Não era exatamente o que eu queria fazer, porém ainda tinha muitas dúvidas sobre o que queria cursar e fui influenciada pelo meu irmão que fazia pedagogia na UnB. Também entrou a questão financeira, não tinha como eu pagar um curso mais caro, o mais em conta era pedagogia ou letras. Então optei pela pedagogia. Neste ano continuei fazendo alguns trabalhos como modelo, porém não era mais isso que eu queria. Então foquei nos estudos e deixei essa carreira. No final desse ano conheci meu marido e ele me deu muita força nos estudos. Sempre me ajudava nos trabalhos quando eu tinha dificuldade na parte de formatação. Ele é formado em engenharia de sistemas e é funcionário público da CEB.

Em 2010, meu irmão me falou do vestibular de transferência facultativa da UnB. Olhei e me interessei muito. Algumas professoras da Faculdade Evangélica apostaram em mim, elas me apoiaram e disseram que eu era uma ótima aluna e com certeza passaria para a UnB. Disseram que meu perfil era de alunos de lá. Isso me motivou muito. Foi aí que tudo aconteceu. No meio do ano fiz a prova e passei. Entrei na UnB. Foi como um sonho estar em uma universidade pública de nome. Fiquei muito feliz! Estava muito perdida no início, pois tudo era muito diferente. Acabei fazendo algumas amizades. Entre elas conheci a Naara que é minha amiga até hoje. Ela também veio por transferência e por coincidência da Faculdade Evangélica, porém de Taguatinga. Então conheci muitas outras pessoas que fizeram transferência como eu, e vi que isso era mais comum do que eu imaginava. Nesse mesmo ano fui morar com meu marido. Muitas coisas aconteceram e ele me deu muita força, sempre apoiando para que eu estudasse e não me preocupasse com mais nada. Como vim de outra faculdade e lá eu estava no terceiro semestre, acabei pegando poucas disciplinas e fiquei fora do fluxo até meu histórico com as disciplinas serem aproveitadas. Foi tudo meio turbulento, mais aos poucos fui me encaixando e entendendo o funcionamento da Faculdade de Educação.

Em 2011 era o segundo semestre que eu fazia na UnB, comecei a entender como funcionavam os créditos e matrícula em disciplinas. Minha amiga Naara me ajudou muito também. Então fiquei mais à vontade. Desse período em diante foi tudo mais fácil, embora pedagogia continuasse não sendo o curso que eu queria fazer. Tenho o princípio que se eu comecei vou até o fim e, principalmente, por eu estar na UnB, não podia desistir. Então continuei, acabei fazendo algumas disciplinas que gostei muito, como orientação educacional com a professora Hélvia Leite e o Educando com necessidades educacionais especiais com a

professora Patrícia Raposo. Essas foram as disciplinas de que mais gostei nesse semestre, pois uma era para orientar pessoas como eu que tem dificuldade para descobrir o que querem fazer e a outra por ser a professora deficiente visual. Isso me deixou apaixonada, por ela ser uma ótima professora mesmo com essa deficiência. Mostrou-me que todos somos capazes de fazer o que quisermos, basta força de vontade e persistência. Isso me motivou muito.

No segundo semestre de 2011 eu já estava totalmente à vontade na UnB e familiarizada com tudo. Uma disciplina que marcou esse período foi Introdução à classe hospitalar com a professora Carla Castro. Essa disciplina foi uma das melhores que fiz na faculdade. Nela aprendi muito sobre crianças que têm problemas de saúde e precisam de atendimento educacional diferenciado. E até mesmo um tema muito forte que é o conceito de morte para crianças, famílias que lidam com isso, educadores que trabalham em hospitais e veem crianças muito debilitadas e até mesmo que chegam a óbito. Isso marcou muito minha vida. Poder conhecer melhor esse tema e ver documentários e histórias reais, isso me motivou a pensar mais sobre a educação e querer trabalhar nessa área. Embora desde o início eu não pretendesse trabalhar na área da educação, nesse semestre consegui entrar no fluxo e fiquei no semestre correto.

No primeiro semestre de 2012, comecei a fazer o projeto 4 fase 1 com a professora Stella Maris Bortoni\_Ricardo. Foi aí que comecei a estagiar em uma escola confessional, Escola Cantinho Cristão (que autorizou colocar o nome neste trabalho), onde me interessei pelo tema letramento e religião. Nesse mesmo semestre fiz aprendizagem da língua materna com a mesma professora citada. Foi ótimo fazer essas duas disciplinas ao mesmo tempo, pois com o embasamento teórico que a professora proporcionou ficou muito mais fácil fazer as observações e absorver tudo que eu precisava para fazer minha pesquisa. Com a ajuda da professora Stella, pude determinar meu tema para pesquisa e seguir com mais confiança e credibilidade de uma linguista renomada como ela. Finalmente, após toda essa experiência, vivência, pesquisa em uma escola confessional, por experiência como cristã, de família evangélica e com o apoio e incentivo da professora Stella Maris, enveredei-me no tema da minha monografia, que é letramento e religião: influência de práticas religiosas no letramento. Sinto-me segura e confiante com o tema e pretendo concluir satisfatoriamente minha monografia, pois o que mais me instigou foi visualizar, na prática, como as crianças possuem um vocabulário mais complexo e elaborado devido às influências religiosas letradas e orais e também porque devo, por experiência própria, boa parte de minha formação à religião que

contribuiu muito através da leitura da Bíblia e cânticos religiosos a desenvolver meu vocabulário e incentivo à leitura.

## **PARTE 2**

### **MONOGRAFIA**

#### **CAPÍTULO I**

#### **REFERENCIAL TEÓRICO**

##### **1.1. HISTORIA DA ESCRITA**

O Homem sempre teve necessidade de registrar os acontecimentos. Isso surgiu com o homem primitivo no tempo das cavernas, quando este começou a gravar imagens nas paredes. Por milhares de anos os homens sentiram a necessidade de registrar informações e construíram progressivamente sistemas de representação. A escrita foi desenvolvida para guardar os registros de contas e trocas comerciais e acabou tornando-se um instrumento de valor inestimável para a difusão de ideias e informações. Na Antiga Mesopotâmia, há cerca de 6 mil anos atrás, desenvolveu-se a escrita ideográfica, um dos inventos na progressão até a escrita alfabética, agora usada mundialmente. Olson (1997) fala a respeito do surgimento da revolução neolítica, momento no qual surgem os primeiros desenhos e números.

Naturalmente, é impossível saber com certeza o que expressavam as mais antigas representações gráficas. Iniciada há cerca de dez mil anos, a revolução neolítica foi marcada pelas primeiras produções de cerâmica, pela preparação dos alimentos e pela agricultura doméstica, assim como pelos desenvolvimentos psicológicos envolvidos na ornamentação e nos enterros dos mortos. Esses desenvolvimentos são mais ou menos contemporâneos dos primeiros desenhos e do uso de marcas numéricas. (GOODY, 1987, p.10; SCHMANDT-BESSERAT, 1986,1987 apud Olson, 1997 p. 85)

Foi por meio do desenho que em um período bastante remoto, homens e mulheres utilizavam figuras para representar cada objeto. Essa era a chamada escrita pictográfica. Essa fase representa uma escrita simplificada dos objetos da realidade, por meio de desenhos que podiam e ainda podem ser vistos nas inscrições astecas presentes em cavernas, ou nas inscrições de cavernas do noroeste do Brasil. A escrita ideográfica que surgiu logo em seguida, não utilizava apenas rabiscos e figuras associados à imagem que se queria registrar,

essa imagem representava uma ideia, tornando-se posteriormente uma convenção de escrita.

Olson (1997) relata que os mais antigos sistemas de escrita mostram a diversidade de funções e propriedades destes desenhos, como na Mesopotâmia. Há cerca de quatro mil anos, os sinais geométricos eram usados para indicar a propriedade, de modo semelhante às marcas do gado e os brasões, em uso ainda hoje. As pessoas dependiam do contexto e do senso comum para decifrar o significado dos códigos. A partir desse senso de decifrar códigos, marcas para definir as coisas deram origem à escrita como conhecemos hoje. Para Olson (1997) uma forma gráfica extremamente importante, da qual a maioria dos sistemas de escrita pode ter evoluído, é o sistema de peças desenvolvido na Mesopotâmia com fins contábeis, a partir do nono milênio anterior à era cristã. Desenvolvido pelos antigos sumérios que viviam no que é hoje a região meridional do Iraque, na época em que as sociedades de caçadores-colhedores cediam passo ao estilo de vida agrícola, aquele sistema consistia em uma série de peças de argila com marcas e formas distintas, usadas para contar ovelhas, gado e outros animais, e mercadorias de vários tipos como óleo e grãos. Essas peças foram evoluindo e se tornando uma forma mais elaborada de escrita que utilizava tabuinhas. Essas tabuinhas eram divididas em casas quadriculadas, cada uma delas listava um produto e uma quantidade.

Uma escrita com sintaxe proporciona um modelo para a fala. A esse respeito Olson (1997) explica que dois desenvolvimentos sugerem que as escritas sintáticas tenham se tornado um modelo para a fala. O primeiro é que os signos passaram a ser vistos como a representação de palavras, e não de coisas. Os paleógrafos (Gaur, 1987; Nissen 1986 apud Olson, 1997) observam que pelo terceiro milênio (2900 a. C.) surgiram os primeiros textos literários escritos em cuneiforme, textos que refletiam claramente o conhecimento linguístico de quem os escrevia. A escrita permite ao leitor inferir a linguagem utilizada no texto, o que não acontecia com as antigas tabuinhas.

Essas escritas proporcionam um modelo para a linguagem que passa a ser visto como linguagem. As palavras deixam de ser apenas emblemas e se diferenciam das coisas e dos nomes das coisas. Para Olson (1997) independentemente de ser ou não alfabético, tal sistema de escrita pode ter ajudado os antigos gregos a tornar consciente um novo e importante conjunto de conceitos. A esse respeito, Olson explica que

Sempre que um sistema de escrita tem uma sintaxe, os emblemas ou peças podem ser percebidos como palavras, e não mais como emblemas; e sua construção pode ser vista como uma proposição, em vez de uma lista. As estruturas presentes na escrita proporcionam agora as categorias necessárias para descobrir por introspecção as estruturas implícitas da língua. Essas escritas são logográficas na medida em que

os símbolos utilizados passam a representar os principais constituintes gramaticais da língua, a saber, as palavras. (OLSON, 1997, p. 93)

A escrita suméria manteve-se essencialmente logográfica, pouco utilizando o recurso fonográfico, ou seja, baseado em sons. As propriedades fonográficas dessa escrita foram expandidas dando lugar ao cuneiforme babilônico e canaanita. Olson (1997) explica que a escrita hieroglífica egípcia, desenvolvida por volta de 3100 a. C., empregava um sistema semelhante ao da cuneiforme, embora não haja evidência de que essa escrita tenha se originado na Babilônia. Primeiro surgiram os silabários, que foram o resultado da adaptação de signos logográficos sumérios a uma língua semítica, o acadiano, (LARSEN, 1989, p.131 apud OLSON, 1997) que eram um conjunto de sinais específicos para representar as sílabas, isto é, os sinais representavam sílabas inteiras em vez de letras individuais. Para alguns o precursor imediato do alfabeto grego foi abstraído de um silabário. A escrita foi inventada por povos que falavam alguma língua semítica, possivelmente os fenícios, que viviam na parte setentrional do Crescente Fértil, a região de terra arável que ligava a civilização babilônica à egípcia. As versões modernas da escrita semítica incluem a hebraica e a árabe (HAVELOCK, 1982, GELB, 1963 apud OLSON, 1997).

Sabe-se que os fenícios inventaram um sistema reduzido de caracteres que representavam o som consonantal, que são características das línguas semíticas encontradas hoje na escrita árabe e hebraica. Logo após os gregos adaptaram o sistema de escrita fenícia agregando as vogais e criando assim a escrita alfabética. Posteriormente, a escrita grega foi adaptada pelos romanos, constituindo-se o sistema alfabético greco-romano, que deu origem ao nosso alfabeto. Sem minimizar o significado dessa realização, admite-se agora que o desenvolvimento do alfabeto, como o desenvolvimento do silabário, resultou de forma quase direta da aplicação de uma escrita apropriada para uma determinada língua, a uma segunda língua para a qual não era apropriada, a saber, a aplicação de uma escrita semítica, língua em que as diferenças vocálicas eram relativamente insignificantes, à língua grega, em que elas são muito significativas (SAMPSON, 1985; HARRIS, 1986 apud OLSON, 1997,). Esse sistema representa um menor inventário de símbolos que permite maior possibilidade combinatória de caracteres, ou seja, uma representação dos sons da fala em unidades menores que a sílaba.

A forma e direção da escrita são diferentes nos sistemas de escrita, como por exemplo, os chineses e japoneses escrevem da direita para a esquerda e em colunas; os árabes escrevem também da direita para a esquerda, mas em linhas de cima para baixo; o grego antigo era escrito em linhas com direção alternada onde havia uma linha da direita para a esquerda e

uma linha seguinte da esquerda para a direita, invertendo a direção das letras, sendo que a terceira linha equivalia à primeira e a quarta à segunda e assim sucessivamente. Esse método é chamado de boustrophedon, uma palavra grega que significa “da maneira como o boi ara o campo”. Em seguida os romanos instituíram a escrita da esquerda para a direita em linhas, que vigora até os dias de hoje no nosso sistema alfabético. Olson (1997) aponta que os estudos sobre a consciência “fonológica” dos analfabetos mostram que o alfabeto serve como modelo para a fala, e não como representação de um conhecimento preexistente. Os estudos sobre a sensibilidade aos constituintes subsilábicos já esclareceram que a familiaridade com um sistema de escrita alfabética é fundamental para perceber a estrutura segmentada da língua.

A escrita é um método que registra a memória cultural de um povo; registra fatos sobre a política, arte, religião e a sociedade, a escrita. Perpassa anos, séculos e milênios, traz instrumentos para reflexão, expressão e transmissão de informações entre outras necessidades sociais. Assim, as escrituras em livros, registros e, sobretudo da imprensa, são marcos na história da humanidade, pois proporcionam que a informação passe para o domínio público. A escrita mudou de várias formas ao longo dos tempos, Há cinco mil anos existiam livros feitos de barro, escritos em pequenas lajotas, estes foram encontrados na Mesopotâmia e tiveram formas variadas: eram quadrados, redondos, ovais ou retangulares e eram numerados para facilitar a consulta. Assim, os livros surgiram a partir da invenção da escrita. Cada povo escrevia seus livros em materiais variados, conforme a disponibilidade. Os livros já foram feitos de materiais rígidos como barro, madeira, metal, osso e bambu, eram as lâminas ou placas separadas, depois vieram os materiais flexíveis, que eram feitos de tecido, papiro, couro, entrecasca de árvores, que eram escritos em dobras e rolos. Os chineses, por exemplo, utilizavam tiras de bambu como material para escrita. Após raspar e secar as tiras retiradas do caule da planta formavam um livro perfurando as extremidades e unindo os fios de seda.

A evolução da escrita está fortemente ligada à utilização do papiro pelos escribas. As folhas de papiro escritas eram emendadas e formavam rolos. Estes criados pelos egípcios, eram chamados Volumem (rolos), porém dificultavam a leitura, pois o leitor tinha de mantê-lo aberto, utilizando as duas mãos e o título do livro era escrito no final do rolo. O pergaminho era outro tipo de suporte à escrita obtido a partir do couro cru esticado, um material mais resistente, fino e durável que o papiro, além de permitir a escrita em suas duas faces, lavado ou lixado, permitia escrever diversas vezes. O pergaminho possibilitou o desenvolvimento do códex (ancestral do livro contemporâneo), por meio da costura pelo vinco, sem que as folhas se rasgassem ou se desgastassem pelo manuseio. Assim, os manuscritos foram evoluindo e

desenvolvendo novos suportes, até chegarem ao papel tal qual como o conhecemos hoje. Os primeiros manuscritos eram feitos pelos escribas. Estes ocupavam um lugar importante, de destaque na sociedade. Eram estudiosos, frequentavam escolas e faculdades. Os manuscritos produzidos pelos escribas e copiados pelos copistas eram guardados em bibliotecas nos mosteiros ou em outros estabelecimentos eclesiásticos, aos quais somente a Igreja e os reis tinham acesso, o que assegurava à Igreja o monopólio quase integral do livro e da informação. Os copistas copiavam e multiplicavam os textos, também encadernavam e organizavam livros e manuscritos. O esforço para multiplicar o livro durou séculos. Desde os copistas da Idade Média até o surgimento da imprensa a preocupação era manter o uso da mesma caligrafia para que o pedaço de um livro não ficasse diferente do outro e houvesse a possibilidade de expansão dos conhecimentos. Esses pressupostos contribuíram para que em 1450, na Alemanha, Gutenberg inventasse a imprensa. Com a invenção dos caracteres móveis e da tipografia foi possível a reprodução ilimitada de textos e imagens idênticos e graças ao processo de impressão pessoas do mundo todo podiam ler as mesmas informações. Assim foi aberto o caminho para a popularização do livro, para o desenvolvimento da imprensa e para a democratização da educação. Afinal

o que a escrita requer, e a história dos usos da escrita realiza, é a evolução dos meios comunicativos gráficos que passam a servir como modelos explícitos da fonologia, morfologia e sintaxe, mas também das propriedades dos atos de fala e das propriedades do discurso, sejam elas realizadas pela gramática, por indicações prosódicas e paralingüísticas como o tom, a entonação e o acento frasal, ou pelo contexto não verbal. Em outras palavras, a história da escrita consiste na luta para recuperar o que se perdeu na simples transcrição. (OLSON, 1997, p.127)

Portanto o que percebemos é que a escrita evoluiu de formas arcaicas e rústicas para formas modernas e variadas. Hoje temos vários meios e formas de escrita, onde documentos e relatos ficam registrados para a posteridade. A partir dessa evolução podemos agora compreender como funciona o processo de letramento do qual a sociedade necessita para formar sujeitos conscientes da importância do ato de ler.

## **1.2. ESCRITA E LETRAMENTO**

Os estudos sobre escrita já são realizados há muito tempo. Muitos linguistas e estudiosos pesquisam a origem da escrita e suas formas de letramento (esse termo será



esclarecido na página 17). Portanto Olson coloca que (ASTLE, 1784, p.i. apud OLSON p.17): “A mais nobre aquisição da humanidade é a fala, e a arte mais útil é a escrita. A primeira distingue eminentemente o homem da criatura bruta; a segunda, dos selvagens sem civilização”. Assim a escrita tem papel fundamental na história da humanidade, pois dessa maneira documentos são registrados, cartas escritas, livros, entre outros meios de comunicação.

Para Olson (1997) uma das características mais marcantes da sociedade são os documentos escritos, ao longo dos tempos. Observamos desde documentos para declaração de guerra até convites para aniversário ou cartões de parabéns. Para algumas religiões, a determinação do lugar para onde você vai se será céu ou inferno depende do que está escrito no livro da vida. Assim como a escrita, a religião também evoluiu com os tempos, modificando as formas como mostrar e passar para os fiéis as escrituras da bíblia e as doutrinas. Segundo Olson (1997) a situação com respeito à escrita não é diferente daquela com que se deparavam há um século os teólogos cristãos, que começaram a ver de maneira crítica a tradição que haviam recebido e, reconhecendo nelas certas formas arcaicas de pensamento e de expressão, encarregaram-se de despir o cristianismo da sua “mitologia”. O que se buscava com isso era trazer os fiéis a um terreno mais sólido, ao invés de apenas sua fé em conjecturas.

Assim através dos tempos, a escrita evoluiu e teve papel fundamental nesse processo de aperfeiçoamento e aquisição de uma cultura letrada. Olson (1997) cita seis crenças ou pressupostos profundamente aceitos e compartilhados a respeito do domínio da escrita. O primeiro seria o pressuposto de que escrever é transcrever a fala, onde o autor diz que tudo que falamos pode ser transcrito para o papel. Segundo o mesmo, esse pressuposto data de Aristóteles. Assim o aprendizado da leitura passa a ser visto como o aprendizado do modo como nossa linguagem oral é representada por marcas visíveis, marcas essas que passaram por diversas transformações ao longo dos tempos. O segundo pressuposto seria a superioridade da escrita com relação à fala, onde a fala seria propriedade do povo, “solta e desregrada”, a fala de acordo com o pressuposto, não precisa de regras, pontos, está cheia de agramaticalidades, por isso quando aprendemos a escrever acaba se tornando uma forma de nos expressarmos melhor e monitorarmos nossa fala. O terceiro pressuposto de Olson (1997) aborda a questão da superioridade tecnológica do sistema de escrita alfabético. Segundo o autor a invenção do alfabeto pelos gregos é tida como um dos pontos altos da evolução

cultural, até os dias de hoje. O autor cita Rousseau para elucidar melhor essa questão, o qual escreve que historicamente existiram três modos de escrever e que

Essas três maneiras de escrever correspondem quase exatamente a três diferentes fases de acordo com as quais podemos considerar os homens reunidos em uma nação. O desenho de objetos é próprio dos povos selvagens; sinais representando palavras e proposições são característicos dos povos bárbaros; o alfabeto, dos povos civilizados. (OLSON, 1997, p. 20)

No quarto pressuposto afirma Olson (1997), um dos aspectos mais evidentes das modernas democracias ocidentais é seu grau de alfabetização, uniformemente elevado. A difusão da leitura e da escrita, que criou as instituições racionais e democráticas da sociedade, assim como o desenvolvimento industrial e o crescimento econômico. Portanto, a escrita é um divisor de águas, pois torna aquilo que falamos em algo concreto e legítimo. Assim, através dos atos registrados em diversas línguas, acontece o progresso social, o poder de transcrever aquilo que é importante ou até mesmo uma simples carta dá ao homem o poder de mudar o rumo da história. A arte de escrever está ligada de modo estreito e quase inevitavelmente à urbanização e ao intercâmbio comercial.

No quinto pressuposto Olson (1997) aponta a escrita como forma de desenvolvimento cultural e científico. A escrita e a alfabetização são em boa parte responsáveis pelo surgimento da modalidade de pensamento caracteristicamente modernas, como filosofia, ciências, justiça e medicina, em contraponto, a escrita seria inimiga da superstição, do mito e da magia. Frazer sustentava a existência de etapas progressivas da humanidade, da magia à religião e desta à ciência (FRAZER, 1976 apud OLSON, 1997, p. 23). O sexto pressuposto apontado por Olson (1997), trata da escrita como instrumento de desenvolvimento cognitivo, onde a alfabetização abre caminho para esse conhecimento, para constituir habilidades básicas, “decodificar”, ou seja, para se apropriar do princípio alfabético.

Se a escrita é um instrumento para o desenvolvimento cognitivo e a alfabetização o meio para atingir esse conhecimento, qual seria a diferença entre letramento e alfabetização? Porque hoje o termo mais adequado é letramento? Sabe-se que o termo letramento foi empregado pela primeira vez por Mary Kato, em 1986. Kleiman define letramento:

Como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em textos específicos, para objetivos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa

definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 18)

Portanto, o letramento vai além da simples alfabetização, pois a alfabetização trata apenas de tornar o indivíduo capaz de decodificar símbolos, ler textos, porém não faz com que o indivíduo se aproprie dos textos que lê. O letramento vai além, pois implica que o indivíduo seja capaz não apenas de ler, mas interpretar o que está escrito, apropriar-se da leitura como hábito diário, apreender e compreender o que está lendo e estudando e assim dar conta da demanda diária de tarefas que exijam ler e escrever nas mais diferentes situações e contextos. Assim o letramento remete ao mundo da escrita, pois a escola como instituição encarregada de letrar está mais voltada a alfabetizar, que é o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), pois os alunos precisam disso para se promover na escola, porém a igreja a família e a rua mostram outras formas de letramento, através da televisão, diálogos, leitura de panfletos e revistas, entre outras formas não formais de aprendizagem.

A escrita é muitas vezes relacionada ao desenvolvimento cognitivo, porém existem vários problemas relacionados a essa associação. Kleiman (1995) afirma que um dos problemas mais importantes é o fato de que uma vez que grupos não letrados são comparados com grupos letrados, estes últimos podem vir a ser a norma, o esperado, o desejado, principalmente porque os pesquisadores são membros de culturas ocidentais letradas. Portanto essas comparações podem ser perigosas, pois podem fornecer argumentos para reproduzir o preconceito, chegando até a criar duas espécies, cognitivamente distintas: os que sabem ler e escrever e os que não sabem. Para Kleiman (1995) o poder liberador da escrita já é predicado quando se tece o argumento de que a posse da escrita permite que o possuidor, seja ele um indivíduo ou um povo, dedique suas faculdades mentais ao exercício de operações mais abstratas, superiores. Desse modo, a escrita traria ao povo um pensamento mais complexo, objetivo, inovador, voltado para a vida psicológica interna.

Para Olson (1997) o aprendizado da leitura e da escrita é, na melhor das hipóteses, uma mera introdução ao mundo da escrita. Não é adequado presumir que tudo o que a escrita pode fazer penetra imediatamente na mente do indivíduo, quando ele a adquire. É inseparável o domínio da linguagem escrita da escolaridade, assim como a escrita não pode ser distinguida da redação de cartas. Portanto a escrita e o processo de letramento estão intrinsecamente ligados, um completa o outro e assim a formação cognitiva de cada indivíduo influencia no processo de aprendizagem da escrita. Vários trabalhos empíricos e etnográficos correlacionam a aquisição e o desenvolvimento da escrita com o desenvolvimento cognitivo,

comparando grupos letrados e não letrados. Em relação a esse aspecto, Kleiman (1995) cita Goody que considera o parâmetro da abstração diretamente dependente da escrita:

Quando se fala do desenvolvimento do pensamento abstrato a partir da ciência do concreto, da mudança dos signos para os conceitos do abandono da intuição, imaginação, percepção, essas são pouco mais do que formas rudimentares de avaliar em termos gerais os tipos de processos envolvidos no crescimento cumulativo do conhecimento sistemático, um crescimento que envolve procedimento de aprendizagem complexo (além de saltos imaginativos) e que depende criticamente da presença do livro. (GOODY 1997, p. 150 apud KLEIMAN, 1995, p. 23)

Embora vários estudos tenham sido realizados para associar o desenvolvimento cognitivo ao letramento, esse ainda é um tema muito discutido, pois envolvem diversos questionamentos. Uma pessoa não escolarizada pode ter conhecimentos que uma pessoa escolarizada não possui, embora não saiba escrever em si, pode saber diversas outras técnicas que o tornam uma pessoa com carga cultural capaz de ensinar a outros. Contudo, o que se quer discutir aqui é que a questão do desenvolvimento cognitivo ainda está em estudo e por existirem diversos estudos ainda possui uma gama de possibilidades a respeito do assunto. Por isso o tema que será analisado e discutido nesta pesquisa será o letramento e a cultura escrita, pois se o letramento é aprender a ler e escrever e apropriar-se dessa cultura, então o que se quer saber é o que seria e como seria esse letramento.

Saber ler e escrever indica que a pessoa é alfabetizada, porém não significa que é letrada, ou seja, a pessoa precisa fazer uso da leitura e da escrita como hábito diário. Diferentemente de uma pessoa que não sabe ler e escrever, existe aquele que sabe ler e escrever, porém não faz uso da leitura e escrita, esta seria a pessoa alfabetizada que não está inserida na cultura de letramento. Para Soares (1998) socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que antes de possuir tal habilidade. Ela passa a ter outra condição social e cultural. Seria uma mudança não de classe social e sim de lugar na sociedade, de modo de vida. A partir dessa relação com a leitura e escrita a pessoa passa a inserir-se culturalmente, conhecer um mundo novo, tornar-se diferente. Soares (1998) acredita na hipótese de que tornar-se letrado é também tornar-se cognitivamente diferente: a pessoa passa a ter uma forma de pensar diferente da forma de pensar de uma pessoa analfabeta ou iletrada. Soares ainda afirma que

Tornar-se letrado, traz também, consequências linguísticas: alguns estudos têm mostrado que o letrado fala de forma diferente do iletrado e do analfabeto; por exemplo: pesquisas que caracterizaram a língua oral de adultos antes de serem

alfabetizados e a compararam com a língua oral que usavam depois de alfabetizados concluíram que, após aprender a ler e a escrever, esses adultos passaram a falar de forma diferente, evidenciando que o convívio com a língua escrita teve como consequências mudanças no uso da língua oral, nas estruturas linguísticas e no vocabulário. (SOARES, 1998, p. 37)

Assim, através dos estudos realizados por Soares (1998) sobre letramento, o que se compreende é que esta palavra engloba não só aprender a ler e escrever, mas também apropriar-se, fazer uso da leitura e da escrita. Isso leva o indivíduo a desenvolver-se socialmente, culturalmente, cognitivamente, linguisticamente e em outros aspectos da vida. A autora ainda diferencia o termo apropriar-se da escrita e aprender a ler e escrever. Enquanto o primeiro presume o ato de tornar a escrita própria, ou seja, assumi-la como sua propriedade, o segundo tem o significado de adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e decodificar a língua escrita. Mas o que seria assumir a escrita como tecnologia? A escrita nos permite desenvolver habilidades mentais mais abstratas e superiores, possibilitando ao indivíduo estruturas mentais mais elaboradas e específicas. Além de modificar e aperfeiçoar o interior, o exterior também é afetado, modificando o modo de falar. A oralidade se torna mais elaborada. Kleiman (1995) cita Ong que caracteriza negativamente a fala quando nos diz que ela é restritiva: “nas culturas orais, a restrição das palavras ao sonoro determina não só modos de expressão mas também processos mentais”. O autor ainda apresenta a tese da escrita como tecnologia e explica que

Como outras criações artificiais e de fato mais do que qualquer outra, a escrita é absolutamente valiosa e, aliás, essencial para a realização do potencial interior humano mais completo. As tecnologias não são meros auxiliares externos, mas também transformações internas do nosso ser ciente (*consciousness*), e o são muito mais ainda quando elas afetam a palavra. A escrita aumenta a condição de ser ciente. (ONG, 1982, p.82 apud KLEIMAN 1995, p. 31)

Kleiman (1995) cita ainda três diferenças que Ong aborda entre a linguagem das culturas orais e as manifestações da escrita, seriam essas: o estilo aditivo; construções agregativas e uso da redundância e da repetição, com o objetivo de manter na mente o raciocínio mental em curso versus continuidade linear e analítica do pensamento transformado pela escrita. (ONG, 1982, p. 38 apud KLEIMAN 1995, p. 32). Portanto, a partir desses aspectos, Kleiman (1995) aborda um leque de características do pensamento oral, que seriam o conservadorismo ou tradicionalismo, pois segundo a autora o conhecimento arduamente adquirido deve ser mantido na memória; formas de conceitualização e de

verbalização do conhecimento muito próximas à vida humana, mantendo os contextos de experiência e de ação, enquanto as formas de pensamento transformadas pela escrita poderiam manter aspectos relevantes a sua cultura sem qualquer apoio na observação, na prática, no contexto; dinâmica agonística dos processos mentais orais, o que implicaria uma orientação para o conflito, a luta, a glorificação e o elogio das qualidades físicas e da contraposição com os efeitos mais introspectivos em formas escritas; imbricamento participatório do narrador, da personagem e da audiência, que muitas vezes podem se confundir; enquanto os modos de pensar transformados pela escrita favoreceriam o distanciamento mais objetivo e o estado permanente de equilíbrio nos processos mentais. O contraditório, o defasado pode ser relegado da memória, enquanto a escrita mantém vigentes conhecimentos e informações conflitivos, por exemplo, na dicionarização do arcaico, da ambiguidade. Kleiman (1995) postula ainda que há uma diferença maior entre os dois modos de pensar a tese da abstração, pois nos grupos orais predominaria o pensamento situacional e operacional, que para Ong é minimamente abstrato, enquanto os grupos que dominam a escrita utilizariam uma lógica abstrata, livre de considerações contextuais na realização de diversas operações cognitivas. A sociedade valoriza justamente aquilo que é postulado como característico do pensamento transformado pela escrita, caracterizações que reforçam a ideologia que remete ao letramento uma gama de efeitos positivos, tanto no âmbito da cognição quanto no âmbito social.

Kleiman (1995) aborda a questão do letramento autônomo e seus aspectos, os quais são atribuir o fracasso e a responsabilidade por esse fracasso ao indivíduo que pertence ao grande grupo dos pobres e marginalizados nas sociedades tecnológicas (KLEIMAN, 1995 p. 38 apud Gee 1990; ver Ratto, neste volume), ou seja, aqui a autora expõe um problema da sociedade capitalista, em que as pessoas que não possuem recursos são obrigadas a trabalhar muitas vezes desde crianças para ajudar a família e se sustentar, assim acabam por deixar a educação de lado, em segundo plano. O modelo ideológico de letramento proposto por Kleiman (1995) seria o proposto pela escola, porém devem levar em conta às relações culturais e de poder que o contexto de aquisição da escrita na escola representa.

### **1.3. LETRAMENTO RELIGIOSO**

No artigo de Jung e Semechechem (2009), as autoras relatam fatos importantes a respeito do letramento litúrgico. Elas citam Rosowsky (2008) que trabalha com letramento

litúrgico. Para ele, uma das características desse letramento seria uma presença maior de leitura de textos religiosos, em comparação com o uso da escrita. Além disso, eventos litúrgicos são corriqueiros, e as pessoas geralmente participam de algum deles ao longo de suas vidas. A partir de estudos históricos tem-se que a igreja foi marcante no processo de letramento das pessoas. A partir desse fato alguns autores abordam conceitos a respeito da influência da religião no processo de letramento.

A igreja sempre esteve presente no processo de ensino-aprendizagem das pessoas. No século XVI, Lutero preconizou a implantação da educação compulsória, argumentando que o descaso com o aprendizado teria como resultado “a ira divina, a inflação, a praga e a sífilis, tiranos sanguinolentos, guerras e revoluções, a destruição de todo país pelos turcos e tártaros, e até mesmo a restauração do poder papal” (STTRAUSS, 1978, p.8 apud OLSON, 1997, p. 22). Através de diversas revoluções a igreja passou a ser preconizadora da educação do povo, fornecendo diversos meios para o ensino e aprendizagem dos necessitados, possibilitando o acesso à cultura letrada e escrita, através de ensino em orfanatos, hospitais e na própria igreja, através de classes que ensinavam a leitura da Bíblia e também cânticos que contam as histórias bíblicas para crianças e adultos. A respeito desse fato Huberman (2010) faz a seguinte afirmação

Nos primórdios do feudalismo, a igreja foi um elemento dinâmico e progressista. Preservou muito da cultura do Império Romano. Incentivou o ensino e fundou escolas. Ajudou os pobres, cuidou das crianças desamparadas em seus orfanatos e construiu hospitais para os doentes. Em geral, os senhores eclesiásticos (da igreja) administravam melhor suas propriedades e aproveitavam muito mais suas terras que a nobreza leiga. (HUBERMAN, 2010, p. 11)

A partir do estudo de autores como Olson e Huberman, confirma-se o fato de que a igreja sempre teve papel importante na aprendizagem, tanto através de estudos bíblicos e cânticos litúrgicos, como de ajuda às pessoas necessitadas, proporcionando acesso à escrita e leitura. Antes mesmo da reforma da igreja católica existem relatos de fiéis que faziam a leitura da bíblia para os que não sabiam ler. Olson (1997) relata que a difusão da escrita teve o seu impacto, particularmente na época anterior à reforma, mediante a formação de uma comunidade textual, um grupo de crentes no centro do qual havia um líder que era seu leitor-intérprete, um texto ou fragmento de texto sagrado, e uma visão fervorosa, embora algo idiossincrática, do significado desse texto. Não era incomum que essa comunidade textual estivesse em desacordo com o ponto de vista da igreja oficial. O que muitos estudiosos buscavam com a leitura das “escrituras sagradas” era compreender melhor o significado

daquilo que estava escrito, ou seja, procurar além das palavras escritas. A esse respeito Olson (1997) relata que, na época de Carlos Magno, os estudiosos liam os textos religiosos exatamente dessa forma. Para eles também as palavras ou formas empregadas eram apenas a ponta de um *iceberg* conceitual; o sentido real ficava bem abaixo da superfície e só podia ser percebido pela reflexão introspectiva e a meditação. O autor relata ainda que entre a época de Agostinho e a de Tomás de Aquino, a teoria e a prática da leitura mudaram de forma significativa. Durante esse período, o problema de “estabelecer um texto” e “determinar o que um texto significa” passou para o primeiro plano e surgiram várias propostas para resolvê-lo. Portanto, Olson destaca que

A história da leitura no Ocidente é em boa parte a história da leitura da Bíblia, embora, como veremos, essa tradição tenha sido profundamente influenciada pelas tradições clássicas, árabe e judaica. Sendo em grande parte uma reação contra a preocupação dos judeus com a “letra da lei” e a observância estrita do ritual, a primitiva tradição cristã contrapunha que “a letra mata, mas o espírito dá a vida” (II Cor. 3:5). O objetivo da interpretação era justamente recuperar aquele “espírito”. (OLSON, 1997, p. 162)

Os modos como se lia eram influenciados pelas práticas da tradução dos textos sagrados. Assim a sociedade era totalmente influenciada direta ou indiretamente por leitura de textos bíblicos. Olson (MORRISON, 1990 apud OLSON 1997) destaca que São Jerônimo, que traduziu a Bíblia para o latim, escreveu que não haveria perda de sentido se uma ou duas palavras fossem acrescentadas a um texto. Esse tipo de leitura dava pouca ênfase às palavras literais do texto. Na idade média a letra era vista como a forma verbal do texto, o espírito como o seu sentido ou significado.

Jung e Semechechem (2009) citam ainda que alguns estudos, como de Tusting (2000), são fundamentais na compreensão de letramento religioso. Ele mostra, a partir de uma análise das práticas em torno de folhetos paroquiais de uma Igreja Católica, que o letramento em eventos sincronizados no tempo atinge metas sociais de manutenção da identidade comunitária tanto em nível local, sincronizando as atividades da comunidade paroquial, como no nível global, através da disseminação do letramento pela voz institucional da Igreja Católica. Nesse caso, as pessoas não se engajam com a discussão do conteúdo do texto escrito em si, mas com o ritual, o que significa que em situações multilíngues não necessariamente as pessoas precisam dominar a língua na qual foi produzido o texto escrito. As autoras relatam ainda várias

ações e modos de participação que caracterizam alguns rituais religiosos e estão relacionados aos eventos e práticas de letramento, pois no decorrer de todo ritual, o



texto escrito do folheto, do livro de cantos, do livro de novena, subsidia os modos de participação e de interação com o texto escrito. Por exemplo, durante a leitura do evangelho, um evento de letramento típico das missas católicas, os participantes devem adotar determinados modos de participação, inicialmente devem tomar o turno em coro em resposta à leitura do padre e depois acompanhar em pé a leitura do texto, feita pelo padre. Se um participante desse evento não toma o turno no momento requerido ou não acompanha a leitura em pé, ele pode estar acompanhando a leitura, mas seu modo de participação não é aquele sócio historicamente construído, o que pode revelar que ele não é um membro do grupo católico, ou, caso seja, não é um membro competente. (JUNG e SEMECHECHEM 2009, p. 30)

A respeito dos pontos citados pelas autoras estão englobados os eventos de igrejas evangélicas e outras religiões que utilizam rituais parecidos, como leitura da bíblia e de cânticos como forma de participação dos fiéis, o que representa fenômenos de oralidade e letramento. Ainda a esse respeito Jung e Semechechem (2009) falam que

Os modos regulares de como devem ser as ações das pessoas em muitos eventos de letramento, em contextos particulares, acontecem porque os domínios são contextos estruturados e padronizados. Atividades dentro desses domínios não são acidentais ou aleatoriamente variadas: existe uma configuração específica de práticas de letramento (BARTON; HAMILTON; IVANIC, 2000). Desse modo, a configuração das práticas de letramento nos eventos religiosos é regulada por convenções que constituem esses ritos, os quais requerem modos de participação específicos e práticas regulares em torno do texto escrito (JUNG e SEMECHECHEM 2009, p. 30).

Portanto, o que se percebe é que ao longo dos tempos a igreja católica e consequentemente a protestante que se originou desta, sempre esteve presente e participante na formação do indivíduo, seja de forma direta ou indireta. É claro que outras religiões que foram se desenvolvendo com o tempo também possuem rituais que contribuem para a aprendizagem. Contudo o objeto dessa pesquisa está focado nos eventos de oralidade e letramento de origem protestante, que consequentemente foi influenciada pelas práticas da igreja católica que tem papel fundamental na história.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA**

#### **2.1. METODOLOGIA UTILIZADA**

A metodologia utilizada para a presente pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, a partir de um relato de experiência, pois essa abordagem melhor se aplica para uma observação de fenômenos interacionais dentro de um contexto de sala de aula. Bortoni-Ricardo (2008) esclarece que

“O termo etnografia foi cunhado por antropólogos no final do século XIX para se referirem a monografias que vinham sendo escritas sobre os modos de vida de povos até então desconhecidos na cultura ocidental. A palavra se compõe de dois radicais do grego: *ethnoi*, que em grego antigo significa “os outros”, “os não gregos” e *graphos* que quer dizer “escrita” ou “registro”. Para conduzir sua pesquisa, o etnógrafo participa, durante extensos períodos, na vida diária da comunidade que está estudando, observando tudo o que ali acontece; fazendo perguntas e reunindo todas as informações que possam desvelar as características daquela cultura, que é o seu foco de estudo” (BORTONI-RICARDO, p. 38).

Portanto, essa pesquisa tem cunho etnográfico e discute a cultura de uma escola confessional e suas influências no letramento. Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2008), trata-se de uma pesquisa interpretativista, ou seja, faz uso de métodos desenvolvidos na tradição etnográfica, através da observação e análise dos dados obtidos. Assim, através de anotações diárias se descreve eventos cotidianos, reproduz diálogos, expressões, gestos, entonação de voz e tudo que se puder abstrair da observação feita. Para Bortoni-Ricardo (2008), o professor pesquisador deve se propor a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática e também buscar refletir sobre sua própria prática, reforçando e desenvolvendo aspectos positivos e superando as próprias deficiências, para isso é necessário manter-se aberto a novas ideias e estratégias.

Desse modo, as estratégias utilizadas por um professor pesquisador devem estar sempre voltadas para o novo, aberta a mudanças, para que assim seus métodos sejam aperfeiçoados e renovados a cada passo novo, a cada desafio, pois, o principal é ter um foco determinado para que se possa aplicar o melhor método de pesquisa.

O procedimento utilizado para essa pesquisa foi a observação em campo, dentro de sala de aula e na escola, observando a rotina dos sujeitos ali presentes. Devido ao ambiente tranquilo e muito familiar que a escola proporciona, fui tratada como membro da equipe e tive total liberdade em todos os ambientes. Até porque a presente autora já tinha feito outras observações ao longo do curso na mesma escola o que proporcionou afinidade com os profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem da mesma. Dessa maneira foi possível analisar todas as características dos participantes da pesquisa, sendo possível perceber realmente as relações ali estabelecidas e também as possíveis influências que o grupo pesquisado pôde sofrer. A observação feita se realizou de forma proveitosa e totalmente livre dentro do ambiente analisado.

As observações ocorreram durante os meses de março a maio de 2012, quando foram registrados diálogos e situações ocorridas em dezoito (18) dias de aula. Observaram-se diversos momentos de interação entre os autores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e aulas de diferentes disciplinas. Por ser uma escola confessional, todos os momentos são importantes para a análise das influências de práticas religiosas no letramento.

Foram observados os diálogos ocorridos entre professora e alunos, alunos e alunos, outros profissionais da escola e alunos e todos os atores entre si, focalizam-se aqueles em que se percebiam fenômenos de oralidade que envolvesse citações religiosas e maior envolvimento dos interlocutores nesse aspecto. Esses diálogos e situações foram devidamente registrados, caracterizando também o contexto em que ocorreram. A partir desses diálogos e situações, procurou-se verificar de que forma a professora, atores envolvidos, e o próprio contexto de ensino-aprendizagem auxiliaram para o desenvolvimento do letramento dos alunos e sua interação de forma a perceber como essas experiências contribuem para a aprendizagem dos alunos.

## **2.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A observação foi realizada em uma escola particular, localizada na cidade do Guará, Distrito Federal. A escola é confessional, financiada pela igreja Assembleia de Deus. Possui somente essa unidade localizada no Guará II.

A escola Cantinho Cristão, mantida pela Associação de Assistência Sociocultural Evangélica, foi criada para atender a parcela da comunidade do Guará I e II, interessada em desenvolver a educação dos seus filhos numa escola confessional, e, portanto, preocupada

com os valores culturais, morais, éticos, sociais e, acima de tudo, cristãos. A Associação de Assistência Sociocultural, consciente da necessidade de mais escolas na comunidade local e disposta a por em prática seu ideal, fundou a Escola Cantinho Cristão, após entender sua importância para melhoria da problemática social da região; definiu seus níveis de ensino após verificar a defasagem na oferta da rede pública.

A escola tem uma base filosófica cristã, tem como missão oferecer ao aluno a compreensão crítica da realidade, preparando-os para integração e convívio harmonioso nos grupos sociais. Assim, além de ter a escola a função de transmitir o saber universal e sistematizado, tem também a de oferecer condições para renovação e transformação pessoal a fim de se posicionar e criticar os fatos analisando-os à luz da sua própria história de vida.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola seus objetivos são:

- Proporcionar ao aluno uma base comum em nível nacional, de conhecimentos que lhe propiciem o desenvolvimento de suas potencialidades, possibilitando identificar-se com o meio social no qual está inserido para que possa prosseguir em seus estudos;
- Oferecer assistência educativa ao aluno, oportunizando-lhe melhores condições de aprendizagem, atendendo às demandas existentes nos diferentes graus do conhecimento;
- Desenvolver o processo educativo, com a participação da família e da comunidade, objetivando formar o educando fiel a Deus e ao homem, testemunhando a Cristo;
- Promover o desenvolvimento do aluno nos aspectos éticos, estéticos, políticos e sociais, com vistas ao aprimoramento de sua capacidade para a vida cidadã articulada com o meio em que vive;
- Propiciar condições para o desenvolvimento integral da personalidade do aluno, considerando os traços individuais inerentes a cada sujeito;
- Conscientizar o aluno dos direitos e deveres inerente ao exercício da cidadania plena;
- Promover um espírito crítico no aluno, especialmente no que se refere à realidade social dentro de um processo de transformação global;
- Acolher às diferenças individuais do aluno por meio da adaptação de técnicas e instrumentos psicopedagógicos de acordo com as diversas fases do seu desenvolvimento, observando as estruturas mentais inerentes a cada período;

- Desenvolver a criatividade do aluno;
- Exercer a função social no sentido de possibilitar à comunidade escolar o exercício da cidadania;
- Proporcionar aos envolvidos no processo educativo o desenvolvimento sociopolítico e cultural;
- Estimular o hábito da pesquisa e do pensamento reflexivo, por meio de atividades multidisciplinares;
- Oferecer ao seu corpo docente condições para um ensino de reconhecida qualidade, mediante qualificação profissional;
- Estimular nos atores envolvidos no processo educativo, o compromisso com os valores humanos e sociais, tais como: a solidariedade humana, o exercício da liberdade com responsabilidade, à equidade de direitos e o apreço à tolerância recíproca entre as pessoas;
- Proporcionar formas de atualização, enriquecimento e aprimoramento profissional aos professores e demais funcionários;
- Oferecer os meios de interação sociocultural com a comunidade a que serve;
- Estimular no discente e no docente a estima à liberdade, à dignidade, à tolerância recíproca entre as pessoas e demais direitos fundamentais do homem.

A meta da escola é atender a demanda da comunidade local que necessita de uma escola particular confessional, onde visa à melhoria da problemática social da região, passando valores culturais, morais, éticos, sociais e, acima de tudo cristãos.

A escola trabalha com alguns projetos todo ano, como: festa da família, festa das regiões, solidariedade, Coca-cola, Brasília e movimento. Estes projetos são feitos com o intuito de promover a cooperação e união dos alunos à comunidade e da interação dos pais com a educação dos filhos; o projeto da família visa unir os pais às atividades dos filhos; a festa das regiões é aberta à comunidade e trabalha com várias brincadeiras e tendas com caracterizações e comidas típicas; o projeto solidariedade ajuda famílias carentes com a cooperação dos alunos.

A avaliação é feita através de observações diárias do comportamento e desenvolvimento do aluno; através de exercícios avaliativos, estudos dirigidos, pesquisas e avaliações objetivas e subjetivas. O aproveitamento escolar do aluno do Ensino Fundamental é expresso através de notas de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), com média mínima de aprovação 6,0

(seis). Na educação infantil, a avaliação é expressa através de conceitos e relatórios feitos pelo professor e passados bimestralmente aos pais. São realizadas, no mínimo, duas avaliações por bimestre em cada área de estudo. O aproveitamento escolar do aluno no ensino fundamental – 1º ao 5º ano é expresso por meio de notas, que variam de 0,0 (zero) a 10,0 (dez), com graduação de meio (0,5) ponto, sendo o arredondamento feito da seguinte forma:

I- de 0,1 e 0,6 a 0,7 para menos;

II- de 0,3 0,4 0,8 a 0,9 para mais.

A nota bimestral (NB), equação \ref{Nota Bimestral}, é obtida por meio de cálculo da média aritmética simples das notas das verificações de aprendizagem realizadas durante o bimestre (A1) e da nota da verificação bimestral (A2).

$$NB = (A1 + A2) \div 2$$

Ao final do 2º e 4º bimestres letivos é apurada a média semestral (MS), por meio da média aritmética das notas obtidas nos bimestres respectivos. O resultado final de cada componente curricular é encontrado pela média aritmética simples das médias semestrais, sendo 6,0 (seis) a nota final mínima para aprovação.

A escola possui dois turnos, matutino e vespertino com turmas de Educação infantil e Ensino Fundamental até o quarto ano, sendo 4 turmas de educação infantil no matutino e 5 no vespertino, divididas em maternal e jardim, No ensino fundamental, há 5 turmas no matutino, uma de cada ano até o 4º ano, e no vespertino a mesma forma de organização. Tanto no matutino quanto no vespertino existem professores que no dia de sua coordenação atendem aos pais e alunos em horário integral de funcionamento da escola. Na direção e coordenação, o horário de funcionamento é de 07h30min às 11h50min e 13h30min às 17h50min, onde sempre existe pelo menos um diretor e um coordenador à disposição dos pais e alunos.

A escola possui um total geral de 236 alunos distribuídos em: 30 alunos na Educação Infantil do matutino, 65 alunos no Ensino Fundamental, perfazendo um total de 95 alunos no matutino. No vespertino, na Educação infantil atende a 74 alunos, e 67 alunos no Ensino Fundamental, perfazendo um total de 141 alunos no vespertino.

O corpo docente da escola é formado por 20 professores, todos com formação superior ou em letras, ou pedagogia. Na direção atua uma diretora pós-graduada em psicopedagogia, uma orientadora graduada em orientação educacional, e duas coordenadoras, uma de

educação infantil graduada em letras, e uma de ensino fundamental pós-graduada em psicopedagogia. Outros funcionários de suma importância para escola são: 4 funcionários de serviços gerais , 3 porteiros , 2 secretárias , 1 tesoureiro.

A escola tem um espaço físico mediano, com 10 salas de aula, sendo 05 de Educação infantil e 05 de Ensino Fundamental; 01 sala para leitura; 01 sala para secretaria; 01 sala para direção; 01 sala para serviço de orientação educacional; 01 sala para serviço de orientação pedagógica; 01 sala de professores; 01 sala para serviços de contabilidade; 01 sala para serviço de almoxarifado; 01 banheiro para portadores de necessidades especiais; 01 banheiro para professores; 01 banheiro para professoras; 02 banheiros equipados com 04 cabines para meninas; 02 banheiros equipados com 04 cabines cada para meninos; 01 guarita; 01 sala de repouso; 01 área coberta para recreação; 01 rampa de acesso para pavimento superior; 01 escada de acesso para pavimento superior; 01 parque recreativo.

Também possui em suas instalações alguns espaços necessários para o desenvolvimento das atividades feitas pelas crianças diariamente os quais são: 01 (uma) sala de repouso, 01 (uma) área descoberta para recreação, 01 (uma) área coberta para recreação, um parque recreativo, 01 (um) tatame para judô e 01 (uma) sala de balé espelhada com barras.

O regimento da escola mostra horários de entrada e saída de alunos de cada turno, e que os alunos serão recebidos no horário estipulado, sendo que o portão é aberto 15 minutos antes do início das aulas, as saídas de alunos antes do horário só com prévia autorização do responsável. Em relação ao uniforme é de uso obrigatório, sendo comprado na escola ou onde ela indicar. Sobre o material escolar ela estipula que o coletivo deve ser pago a partir de uma taxa estabelecida, e o individual será adquirido pelo responsável conforme lista estabelecida pela escola. A escola não se responsabiliza por extravios de livros de alunos que não marcam seu nome no mesmo. A agenda escolar é o veículo de comunicação escola-família, nela são feitos os registros diários necessários. Sobre o lanche recomenda-se que os alunos levem lanches nutritivos e variados. É aplicada disciplina a fatos desagradáveis ocorridos nas dependências da escola, sendo encaminhada a ficha do aluno na direção, sobre o dever de casa. O aluno deve manter suas tarefas em dia, do contrário serão registrados em sua agenda observações. A respeito de medicamentos, a escola aceitará somente com apresentação de receita médica ou autorização do responsável. Quanto ao pagamento da mensalidade a escola estipula até o décimo dia mensal, sendo que até o quinto dia útil de cada mês é oferecido desconto.

A escola possui uma mantenedora que é responsável pela assistência sociocultural, por toda manutenção, disponibilizando meios para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. Através das mensalidades dos alunos a escola arrecada recursos próprios para o financiamento de suas atividades, porém a mantenedora contribui em grande parte para o pleno desenvolvimento das atividades que são feitas na escola durante o ano letivo.

### **2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA**

Foi observada uma turma de 4º ano da primeira fase do ensino fundamental, onde as crianças estão na faixa dos 10 (dez) anos de idade. A turma é bem pequena e composta por seis alunos, sendo cinco meninos e uma menina. A grande maioria é proveniente de família de classe média e classe média alta, todos são de família evangélica. Todos os alunos estão na escola desde o maternal e três meninos da turma têm irmãos menores que estudam na escola. Percebe-se, portanto que o vínculo dos alunos com a escola é grande.

Somente um aluno da turma tem mais dificuldades de compreender alguns conteúdos, principalmente matemática, porém os colegas sempre ajudam quando ele tem dificuldades e a professora é muito atenciosa. Como a turma é pequena é mais fácil trabalhar com as dificuldades que surgem. Dentre os alunos, dois se destacam mais: um é muito esperto e agitado. Apesar de bagunçar, ele sempre termina as atividades antes de todos e ajuda os colegas que têm dificuldade, o outro é muito inteligente e sempre se destaca quando faz leitura de textos em voz alta na sala. Ele lê de forma eloquente e sem tropeços. A irmã desse aluno estuda na mesma escola no 2º ano e a família dele vai toda semana para a igreja. Ele sempre comenta como foi o culto no domingo e as lições que aprendeu na escola bíblica da igreja. Os alunos costumam comentar sobre o culto que participaram na igreja no fim de semana. Isso ocorre normalmente na aula de segunda-feira, porém o diálogo a respeito de textos bíblicos e hinos que gostam de cantar na igreja está presente cotidianamente. No geral, a turma acompanha e participa de forma satisfatória das aulas, possuem um vocabulário rico para crianças de 10 (dez) anos de idade e se expressam muito bem.

A turma tem quatro professores: uma regente e outros três de aulas complementares: um professor de inglês, um de educação física, uma de artes e ensino religioso. Além dos professores, a escola trabalha com dois profissionais que oferecem aulas de judô para os alunos que não querem fazer educação física de forma tradicional, porém os alunos que querem fazer judô devem pagar, além da mensalidade, um valor a parte para essas aulas.



## **2.4. DESCRIÇÃO DA ROTINA DA SALA DE AULA**

Quando as crianças chegam à escola às 13h00min, todos os alunos de todas as séries se reúnem no pátio da escola e cantam hinos evangélicos e fazem orações dirigidos pelos professores da escola. Cada dia cantam um hino diferente e fazem uma oração que é conduzida por um dos professores. Todos os alunos gostam e participam desse momento por meia hora. Às 13h30min, os professores conduzem sua respectiva turma até as salas. Normalmente a primeira aula da turma é com a professora regente, exceto em dois dias da semana: terça em que a primeira aula é com a professora de artes e sexta em que a primeira aula é com o professor de inglês.

Após o ritual de cantar e fazer orações na chegada à escola, os alunos se dirigem às suas salas com seus respectivos professores e começam a desenvolver suas atividades em sala. Normalmente a aula inicia com o professor solicitando a agenda dos alunos para verificar recados dos pais e atividades que foram passadas para casa e precisam da assinatura dos pais para saber se estão cientes. Normalmente, os alunos desenvolvem atividades do livro em sala ou algumas tarefas xerocadas pelo professor.

As aulas têm duração de cinquenta minutos cada. Normalmente os alunos se agitam muito com a troca de professores. No dia da semana em que eles têm educação física ficam alegres, pois gostam muito das brincadeiras e jogos. A turma é uma das últimas a lanche da escola, pois o lanche é feito primeiro nas turmas dos alunos menores. Após a terceira aula eles lancham e depois vão para o recreio. Na volta do recreio, os alunos sempre ficavam muito agitados. A última aula normalmente sempre era passado algo mais tranquilo para os alunos e uma atividade para casa.

Pouco antes de terminar a aula, normalmente a professora entrega as agendas dos alunos com algum recado ou atividade para que os pais deem um parecer, nos dias de sexta-feira a professora costuma encerrar as atividades antes e deixar os alunos fazerem alguma atividade livre ou desce para o pátio da escola para eles brincarem.

## **CAPÍTULO III**

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

À luz do referencial teórico, considera-se que a escola pesquisada proporciona o letramento influenciado pela religião, na medida em que as práticas e rituais religiosos estão presentes em todos os momentos, seja dentro de sala ou nas atividades cotidianas da escola. Praticamente todos os alunos senão todos da escola são da religião evangélica. Na turma observada, todos os alunos são evangélicos, portanto, nos modos de falar, agir e se comunicar estão presentes traços da religião a que pertencem. Ressaltando também que todos os funcionários da escola são evangélicos, desde o pessoal da limpeza aos professores, coordenadores e diretores, proporcionando um ambiente que gera em todos os momentos um clima familiar, como se todos fossem mais próximos, assim como em uma igreja.

Essa escola trabalha, portanto, sob a perspectiva do letramento influenciado por práticas religiosas, assim como abordam Jung e Semechechem (2009), pois esses fenômenos não são acidentais e sim organizados e elaborados. Os rituais e práticas realizados influenciam de forma direta na formação e construção do saber dos alunos. Portanto isso ocorre diariamente desde a entrada dos alunos na escola até o momento de saída, desde os menores até os alunos maiores, todos recebem o mesmo tratamento e influência religiosa.

A escola também pode ser caracterizada por oferecer uma educação moral e ética, na medida em que a religião proporciona ensinamentos a respeito da conduta e costumes. A escolha pelos pais por uma escola religiosa se deu, na maioria dos casos, por optar por uma educação diferenciada e que preserve os ensinamentos e lições aprendidas na igreja a que pertencem, firmando nos alunos cada vez mais um senso de fazer o que é o certo e obedecer aos adultos, entre outros costumes que a igreja preza, como obediência, amor, caridade etc.

Portanto, a escola possibilita um ambiente que proporciona a interação dos alunos e funcionários de maneira a aprimorar momentos de aprendizagem da doutrina cristã, onde fenômenos de oralidade e letramento estão presentes nas falas dos autores envolvidos nesse processo, firmando aí uma conexão entre a aprendizagem dos rituais evangélicos e religiosos e, por consequência, esses contribuindo para a formação e aprimoramento da aprendizagem dos alunos, que se aperfeiçoam através da leitura da Bíblia, leitura de hinos evangélicos e diversas outras formas e atitudes que envolvem esse processo. Essas situações serão

destacadas a seguir através de momentos observados durante o desenvolvimento dessa pesquisa. Portanto, serão relatados fatos ocorridos durante os dias de observação da turma e escola, aulas, diálogos e experiências que são relevantes para a compreensão de como funciona uma escola confessional e as influências que os fatores religiosos exercem na aprendizagem e letramento dos alunos.

O texto abaixo é dividido em duas partes: a análise e discussão dos dados coletados. Primeiramente teremos a descrição e análise das aulas observadas. Essas aulas são de disciplinas como português, artes, matemática, ciências entre outras aulas do cotidiano dos alunos. Em segundo lugar estão as análises dos momentos de recreação, como a entrada na escola, sala de vídeo e comemoração da Páscoa. Lembrando que os nomes abaixo serão representados por uma letra do alfabeto para preservar a identidade dos colaboradores dessa pesquisa.

### **3.1. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS OBSERVADAS**

#### **3.1.1. Aula 1 (30/03/2012)**

No primeiro dia de observações, na aula de português com a professora regente foi observado que um dos alunos, apesar de ser muito agitado, é o primeiro a terminar a atividade que a professora passou e sempre quer tomar a frente nas atividades de sala. Todos os alunos são de família evangélica e a maioria dos nomes é de origem bíblica. Os alunos chamam a professora de tia e ela própria se chama assim. Uma das atividades desenvolvidas pelos alunos é um exercício que a professora passa no quadro para que eles façam a pontuação correta nas frases. Os alunos ficam muito agitados, pois, está próximo ao horário do lanche e alguns já terminaram de copiar o exercício. Os alunos vão para a biblioteca escolher livros para levar para casa. Começa a tocar música evangélica na escola, é o sinal que toca nos intervalos da escola (Aleluia, Aleluia, poderoso é o Senhor nosso Deus).

O que se observa ainda acima é que os alunos são de fato influenciados pela religião, já que todos são de família evangélica e a escola trabalha em cima do reforço através de músicas evangélicas tocadas na escola como o próprio sinal de recreio. Como destacado por Olson (1997) “a história da leitura no Ocidente é em boa parte a historia da leitura da Bíblia”.

### 3.1.2. Aula2 (02/04/2012)

No segundo dia de observações, os alunos novamente cantam um cântico evangélico na entrada da escola. Um dos fatores mais relevantes observados nesse dia foi perceber que os alunos não gostavam da aula de matemática e ficaram aliviados. Quando terminou e começou a aula de português, a professora passou alguns exercícios do livro, onde os alunos tinham que responder perguntas para preencher uma cruzadinha e depois escolherem substantivos e adjetivos encontrados nas palavras, porém o aluno F já tinha feito esses exercícios. Então ela o manda pegar um livro na biblioteca e ler. Quando os alunos terminam a atividade a professora começa a corrigir, o aluno J pergunta para a professora o que é um novelo. Ela pega em seu armário um novelo de barbante e mostra para ele esclarecendo sua dúvida. Ele fica feliz pela explicação e agradece a professora. O aluno F fica pegando vários livros na biblioteca, porém, ele somente fica olhando as gravuras. Ele gosta de um livro onde tem mapas do mundo. No geral todos os alunos não tiveram dúvidas a respeito do exercício que a professora passou do livro.

O sinal da escola que é uma música evangélica toca, os alunos lancham e depois vão para o recreio. Ao retornarem do recreio a professora passa exercícios para os alunos fazerem em dupla, continuando a sequência que faziam antes do recreio. A professora pergunta se sou evangélica, respondo que sim. A aluna L pergunta o que é um palavrão que os meninos falam e a professora diz que é feio e não vai responder e pede que ela pare de perguntar e repetir o palavrão, pois, Deus não gosta disso.

O que se observa aqui é a importância que tanto os funcionários como os alunos dão para a religião, tanto que na escola todos os funcionários são evangélicos. Eles valorizam essa cultura e pregam isso em todo tempo. Em alguns momentos parece que se está em uma igreja, o que não deixa de ser verdade já que a escola está inserida dentro do lote da igreja, com uma porta que dá ligação direta para os alunos ao templo. Os alunos não têm dificuldades em atividades de leitura e nas aulas de português, possuem um vocabulário extenso, apesar de terem dúvidas comuns a respeito de algumas palavras como mostrado acima. Os fatos relatados mostram a influência que os professores e funcionários exercem sobre os alunos no que diz respeito a práticas religiosas, como não deixar que falem palavrão, pois Deus não gosta.

Os alunos têm autonomia para fazer as atividades que a professora passa apesar de algumas poucas dúvidas que surgem. No geral fazem as atividades sem solicitar o auxílio da professora. Assim como Kleiman (1995) defende, a construção agregativa e usos da repetição

ajudam a reforçar a aprendizagem, pois o pensamento arduamente adquirido é mantido na memória. Portanto, quando os alunos recebem constantemente ensinamentos religiosos baseados na bíblia e em outros textos escritos direta e indiretamente, isso contribui para suas habilidades leitoras, orais e em consequência para o letramento.

### **3.1.3. Aula 3 (03/04/2012)**

Em uma aula de artes a professora passa uma atividade do livro para que os alunos pintem uma cadeira e usem criatividade para enfeitá-la. Os alunos ficam empolgados pintando, alguns pintam de cores do seu time e falam de futebol. A professora sai da sala após passar a atividade e deixa os alunos com uma funcionária da escola para poder discutir com a coordenadora as atividades que serão desenvolvidas na Páscoa. A professora retorna e verifica se os alunos terminaram a atividade e discute a respeito da criatividade deles, pergunta sobre os desenhos que fizeram e se viram os desenhos feitos nas paredes da escola, eles dizem que sim e vão comentando sobre os desenhos. A professora entrega outra atividade para que os alunos pintem formas geométricas. É aniversário do aluno W e a professora canta parabéns e ao final diz para o aluno que Deus o abençoe.

Após o recreio os alunos voltam para a sala e a professora regente passa uma atividade de português no quadro, para separar e classificar as palavras quanto ao número de sílabas, e formar palavras com CH, RR, SS, NH, BR e PR. Essa é uma das atividades que os alunos fizeram no dia. Os alunos ficam conversando entre si sobre o exercício, um aluno tem dúvidas e o colega explica para ele o exercício. O aluno F não volta do recreio, a professora pergunta o que houve e os colegas dizem que estava na direção, ele leva suspensão por desrespeitar uma monitora no recreio.

Nesse relato fica claro a influência dos professores e funcionários a respeito dos ensinamentos bíblicos, quando a professora deseja que Deus abençoe o aluno após os parabéns, ela quer que ele lembre-se de Deus e seus ensinamentos nesse dia. O fato de um dos alunos levar suspensão por desrespeitar uma funcionária mostra que o respeito ao próximo e principalmente aos adultos e autoridades é fundamental na escola. Quando a professora passa o exercício de separar e classificar as palavras quanto ao número de sílabas os alunos não demonstram nenhuma dificuldade, porém no momento de formar palavras com CH, RR, SS e as outras mostradas acima, um dos alunos ajuda o colega que tem dúvida. Isso mostra a autonomia que os alunos possuem entre si. Nesse momento não precisaram do auxílio da

professora e revela o quanto tem companheirismo e afinidade uns com os outros e um grau de aprendizagem que lhes proporciona essa interação, Olson (1997) aplica um pressuposto que está presente nesse momento relatado que trata da escrita como instrumento de desenvolvimento cognitivo, quando os alunos formam essas palavras estão sendo letrados e quando um colega ajuda o outro mostra que este já tem essa cultura e é capaz de transmiti-la a outro.

#### **3.1.4. Aula 4 (05/04/2012)**

Na aula de português os alunos fazem uma atividade do novo capítulo do livro, cujo tema é solidariedade, na tarefa eles devem fazer um desenho de alguém precisando de ajuda e uma pessoa ajudando e outro desenho de uma pessoa precisando de ajuda e não sendo ajudada. Os alunos desenharam com um lápis que tem uma ovelhinha na ponta, esse lápis foi dado na Páscoa e a professora explica que representa o cordeiro de Deus. Todos os alunos terminam a tarefa e a professora passa corrigindo os erros. O aluno mais agitado F chega com um brinco na orelha e todos ficam curiosos para ver, então ele tira e diz que é de pressão, todos acham legal.

Os alunos ficam em silêncio enquanto a professora regente passa uma atividade no quadro. A atividade que a professora passa é sobre solidariedade, ela coloca algumas frases e ao final faz perguntas sobre solidariedade para os alunos. Os alunos terminam o exercício e cada um expõe o que respondeu. Após a atividade começam a fazer um auto-retrato, desenharam a si mesmos em uma folha grande, a aluna L pede para a professora desenhar a boca no desenho dela, a professora faz a boca e ela quer o restante, então a professora explica que não fará mais nada, o desenho deve ser feito por eles. Os alunos terminam o auto-retrato e a professora manda que peguem o caderno de matemática, a aluna L pede para não fazerem exercício de matemática pois ela detesta essa matéria.

Na atividade sobre solidariedade os alunos compreendem exatamente o que a professora quer transmitir, fazem o desenho e as falas das pessoas que precisam de ajuda, como uma história em quadrinhos, eles debatem e cada um coloca solidariedade como uma forma de ajudar quem precisa. O principal que a professora queria transmitir é que todos devem fazer o possível para ajudar quem precisa, os alunos possuem uma compreensão leitora e oral muito expressiva, na medida em que compreendem com clareza o que lhes está sendo transmitido, assim como aborda Soares (1995) o letramento vai além da simples

alfabetização, do saber ler e escrever, ou seja, os alunos aqui demonstram capacidade de compreensão, sabem ler, escrever, interpretar e muito além, sabem para que serve a escrita. Quando a professora reforça que a ovelhinha no lápis significa o cordeiro de Deus, está transmitindo a cultura religiosa aos alunos e reforçando o que eles já aprenderam em um outro momento. A religião está presente na fala dos atores envolvidos no processo de aprendizagem em todo tempo.

### **3.1.5. Aula 5 (09/04/2012)**

Na aula de artes, os alunos fazem uma atividade que a professora passa do livro de colagem de gravuras em uma figura de quadro no livro. A professora pede que eles usem a criatividade e não passem do limite da gravura do quadro desenhado no livro. O aluno F se gaba para os outros alunos por ser o primeiro a terminar. O aluno F mostra o quadro que fez, colocou cabeça de boi em um corpo de homem e cabeça de homem em um corpo de mulher. Os alunos mostram seus desenhos e me chamam de tia assim como chamam todos os professores. A professora fica espantada com a colagem que F fez e fala rindo: - Meu Deus do céu! A professora elogia o desenho que L está montando com as gravuras, colando diversas comidas. Todos os alunos terminam o exercício, então a professora entrega as revistas utilizadas para F entregar na sala dos professores. Essa estratégia de colocar o aluno F para entregar objetos e pegar folhas na secretaria é utilizada por todos os professores, pois ele é muito agitado.

A professora regente organiza a sala e separa as carteiras dos alunos e eles pedem que ela deixe que se sentem juntos, mas a professora não deixa. Então pede que abram o livro de matemática. A professora entrega a prova para o aluno J que não fez na semana passada. Os alunos começam a ler a atividade, a professora pede que F leia em voz alta a questão de expressão numérica. Ele demora e o aluno W começa, porém ele tem dificuldade para ler. Então F o corta e começa a ler bem rápido e sem gaguejar nenhuma palavra. O aluno que estava lendo antes com dificuldade se cala. A professora chama a atenção de F, porém ele continua lendo até o fim e a professora não interrompe mais a leitura. Após ele ler a professora começa a explicar como se faz uma expressão numérica, os alunos querem falar ao mesmo tempo em que ela e fala em tom alto que esperem ela terminar de explicar.

Na situação acima não temos a influência explícita da religiosidade, porém isso é algo implícito na atitude dos alunos. Percebe-se que eles desenvolvem as atividades de forma

criativa e compreendem com rapidez o que se deve fazer, sem muitas dúvidas. Aqui se verifica o pensamento transformado pela escrita que reforça o letramento abordado por Kleiman (1995). Assim os alunos demonstram que o reforço que a base religiosa lhes proporciona lhes permite uma compreensão leitora aperfeiçoada que, por consequência, aprimora sua escrita, permitindo a plena realização em tarefas que são solicitadas no cotidiano escolar.

### **3.1.6. Aula 6 (10/04/2012)**

A professora de artes passa uma atividade do livro que é a planta de uma casa. Após apresentar a planta, ela passa para a página seguinte, que é para os alunos fazerem a planta de uma escola, que é a escola de seus sonhos. Então os alunos ficam bem animados para fazer. Alguns colocam piscina, sala de cinema e poucas salas de aula. A professora diz que eles têm que colocar mais salas de aula, pois uma escola deve ter principalmente salas de aula e não somente diversão.

Os alunos começam a fazer uma atividade de ciências que a professora regente passou. Três alunos da sala sentam juntos para fazer os exercícios, enquanto os três outros sentam para fazer outras coisas, O aluno J faz um desenho para participar do concurso da festa da família e a aluna L também. O aluno W faz uns exercícios de matemática, pois não trouxe o livro de ciências. Os alunos terminam os exercícios e a professora passa uma atividade para casa.

Aqui se destacam dois momentos, primeiro os alunos desenvolvem sua criatividade para desenhar a escola de seus sonhos, um fato interessante é que todos colocaram piscina e muitas áreas de recreação em sua escola. A professora os aconselha a colocar mais salas de aula, porém o que se percebe é que os alunos fizeram a escola dos seus sonhos exatamente como a professora solicitou e fugiram ao comum, que seria ter aulas sempre em salas sem diversão, salas comuns. Na aula de ciência os alunos fazem atividades diferentes, porém trabalham, de forma muito organizada. Um dos alunos faz um desenho para participar do concurso da festa da família. Essa é uma festa tradicional e religiosa da escola. Todo ano os alunos fazem desenhos de uma família para que um seja escolhido e confeccionado em uma blusa que toda a família irá adquirir para participar da festa, Esse ano o tema é: minha família é um laboratório de amor. Nesse momento fica claro a presença da religiosidade em sala de aula. Os alunos são levados a se envolver em todo tempo em atividades que possuem temas



religiosos. Isso estabelece o vínculo afetivo e religioso entre os atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem, na perspectiva do letramento destacado por Jung e Semechechem (2009). Aqui se verifica que essas práticas religiosas contribuem para a compreensão oral e leitora dos alunos, influenciando assim em suas atividades em sala de aula.

### **3.1.7. Aula 7 (16/04/2012)**

Quando a professora regente entrou na sala após o recreio olhou o pescoço do aluno J e viu que estava escrito “gay”. Quando questionou o que era isso, o aluno Felipe falou que foram os alunos N e R que escreveram isso em J. Então a professora imediatamente desceu até a direção. Quando voltou chamou os alunos que fizeram isso descenderem para a direção. Os três alunos que ficaram na sala, F, L e W, descenderam para a biblioteca e ficaram pegando vários livros para ler.

Ao voltarem para a sala os alunos que levaram “broncas” estavam com cara de choro, um estava até com lágrimas nos olhos, sentaram e ficaram em silêncio. Então a professora passa exercícios do livro de matemática e os alunos começam a falar que levaram suspensão. A professora pede que não falem mais desse assunto, pois acabou na sala da orientadora que ela chama de tia C. A professora entrega folhas de exercícios de revisão de expressões numéricas. Quando os alunos terminam a folha de exercícios a professora manda colarem no caderno. O aluno N faz uma pergunta muito estranha para a professora: se uma pessoa for para o inferno pode voltar ao céu, (tia se eu for para o inferno nunca vou poder ir no céu?). Então a professora responde que não pode voltar ao céu nunca mais. Então o aluno se cala e fica pensativo.

Nessa aula acontece um conflito entre os alunos que tem consequências imediatas para os alunos envolvidos. Quando a professora verifica o nome “gay” escrito no pescoço de um dos alunos fica muito chateada e não admite a atitude dos participantes dessa atitude com o colega. A orientadora da escola é dura com os alunos tanto que quando voltam para a sala estão com olhos chorosos, apesar de a professora não querer que os alunos falem na minha frente o que aconteceu. Percebe-se claramente que quando foram advertidos pela orientadora foram lembrados dos ensinamentos bíblicos. Isso fica claro na pergunta que o aluno N faz a professora em um momento da aula que não se estava falando de religião, quando ele pergunta se for para o inferno poderia ir no céu. Fica evidente a preocupação dele por ter feito algo errado com o colega e assim queria saber se poderia ir para o inferno. Os alunos são

influenciados em todo tempo pela práticas religiosas envolvidas na escola. Aqui responde-se mais uma vez um dos objetivos específicos dessa pesquisa, pois as atitudes dos professores em sala refletem religiosidade, assim como de todos os outros funcionários da escola.

### **3.1.8. Aula 8 (17/04/2012)**

O professor de inglês corrige as provas dos alunos. Ele chama um a um em sua mesa e corrige a prova mostrando os erros, depois corrige os livros olhando se fizeram todas as atividades. Ele faz autoavaliação com os alunos, pergunta que nota acham que merecem. A maioria dos alunos tirou nota baixa em comportamento. O professor explica que essas notas se devem ao mau comportamento dos alunos nesse bimestre. O professor conversa com cada aluno sobre comportamento, que devem saber respeitar os professores e pedir desculpa pelos erros. O aluno mais agitado tirou a maior nota na prova, maior nota da escola toda, tirou 10 (dez). O professor conversa com ele e fala que o aluno é muito inteligente e tem facilidade para aprender, porém dá diversos conselhos para que ele se comporte melhor, fala que ele deve fazer uma retrospectiva sobre as aulas anteriores. O professor pergunta quanto ele acha que merece, ele diz 8 (oito), e o professor fala que ele merece 5 (cinco) em comportamento, explica que mesmo que tenha tirado 10 (dez) na prova sua média será em torno de 7 (sete), o aluno não concorda com a nota de comportamento que o professor falou e pede 6 (seis) pelo menos, o professor diz que ele não merece nota maior, pelo menos nesse bimestre.

Aqui o professor de inglês aconselha os alunos a serem mais comportados e respeitarem os professores. Apesar de o aluno F ser muito agitado e às vezes ter mal comportamento e tirar a maior nota na prova de inglês. O professor diz que ele tem muita facilidade para aprender. Isso é evidente em todas as aulas. Esse aluno gosta muito de ler e sempre faz os exercícios antes de todos. O professor demonstra uma atitude além do seu papel. O vínculo entre ele e os alunos é diferenciado. Isso se aplica devido a religião que a escola tem. O que permite que alunos e professores tenham uma afinidade maior, não só com esse professor mais com os outros. Os alunos chamam de tio e tia todos os funcionários na escola, como se todos fossem da família, essa aproximação é em boa parte devido ao fato de a escola ser religiosa. Essa aproximação dos alunos com os professores favorece a aprendizagem e o letramento, na medida que os atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem colaboram uns com os outros na formação do aluno envolvido no mundo letrado.

### **3.1.9. Aula 9 (20/04/2012)**

A professora regente passa uma atividade em uma folha que ela distribui aos alunos. Os alunos F e N são os primeiros a terminar o exercício. A professora passa de mesa em mesa ajudando os alunos e depois corrige o exercício no quadro. O aluno N pede que a professora os deixe fazer às questões que restam no quadro, então a professora deixa.

A professora passa uma atividade do livro para os alunos fazerem em casa. Ela explica como devem fazer o exercício. Após explicar a atividade de casa a professora começa a corrigir uma atividade de geografia que os alunos fizeram em casa. O exercício é sobre sociedade, solidariedade, comunidades grandes e pequenas. A atividade pergunta o que os membros de uma comunidade precisam para conviver bem. Aborda questões do papel dos membros da família, fala do papel do trabalhador na sociedade, do político que deve trabalhar em favor do povo, representar o povo. Fala do papel do artista, do religioso etc. A professora encerra a aula com uma atividade que ela entrega, um passatempo.

O aluno N gosta muito de ajudar nas atividades em sala, é muito participativo, ele sempre comenta sobre os cultos de que participa na sua igreja, sua família é evangélica, ele demonstra uma atitude autônoma e um processo de letramento que lhe permite ajudar os outros colegas. Todos os alunos participam dessa atividade sobre comunidade e os papéis dos membros na sociedade demonstram total compreensão do que deveriam fazer na atividade. Assim como Olson (1997) afirma que o desenvolvimento cognitivo está ligado à aprendizagem da escrita. Assim se os alunos têm influências bíblicas em diversas atividades da escola e fora dela devido a sua religiosidade. Isso contribui diretamente para o desenvolvimento dos alunos em sala de aula. Eles desenvolvem as atividades com mais facilidade, pois, sua compreensão escrita e leitora estão aperfeiçoadas, já que os conceitos envolvidos na atividade, eram conceitos já conhecidos e vivenciados pelos alunos. Logo, o letramento religioso, proporcionou aos alunos acesso a léxicos que lhes possibilitaram compreender a temática em discussão. Permitiram-lhes uma compreensão leitora segundo os moldes desejados pela escola, que é confessional.

### **3.1.10. Aula 10 (03/05/2012)**

A professora de ensino religioso começa a passar um texto no quadro sobre a humildade. O texto fala sobre Jesus que era simples e ensinava o amor. A professora grita e

briga com os alunos que estão conversando. A sala fica só com 4 (quatro) alunos, pois um foi embora porque estava passando mal. Enquanto os alunos copiam do quadro o aluno N fica cantando a música da novela das “empreguetes”. A professora pede silêncio e anota o nome dele no quadro e disse mais uma vez que ele ia sair da sala. A professora termina de escrever o texto e o aluno N pergunta se vai ter atividade, ela diz que não, que vai ter entendimento do texto. Ela faz três perguntas para ver se os alunos entenderam o texto.

Quando a professora explica o texto sobre humildade ela fala que Jesus foi humilde e nós devemos ser como ele que não tinha preconceito contra ninguém e andava com todas as pessoas e amava a todas independente de ter dinheiro ou não. Explica que humildade era não esnobar as pessoas, não maltratar ninguém, entre outras coisas. Quando é feito o entendimento do texto os alunos respondem com propriedade o que é humildade e participam ativamente da atividade, vão além do texto e abordam questões bíblicas que vivenciam em suas respectivas igrejas. É demonstrado que o letramento religioso que os alunos recebem tanto na igreja como na escola contribui para o desenvolvimento em outras atividades. Como Jung e Semechechem (2009) esse é um meio de aprendizagem que proporciona o letramento.

## **3.2. ANÁLISE DE MOMENTOS DE RECREAÇÃO**

### **3.2.1. Entrada na escola (17, 18 e 21/05/2012)**

Nos momentos relatados abaixo pode-se constatar que a escola possui um ritual que é seguido rigorosamente todos os dias quando os alunos chegam à escola. Como Jung e Semechechem (2009) destacam esse é um meio de aprendizagem que proporciona o letramento na medida em que os alunos, mesmo os menores com 4 (quatro) anos de idade, já sabem cantar com perfeição toda a letra da música mesmo que tenha palavras de difícil entendimento para sua idade. Além das palavras da letra da música é importante destacar a complexidade que envolve o significado do que está sendo cantado e dito na canção. E isso é ensinado para todas as crianças de forma natural.

A seguir são mostrados trechos de três músicas diferentes cantadas pelos alunos ao chegar à escola em dias diferentes. Ao chegar à escola às 13h00min os alunos cantam no pátio principal um cântico evangélico: “A alegria está no coração de quem já conhece a Jesus, a verdadeira paz só tem aquele que já conhece a Jesus, o sentimento mais precioso que vem do nosso Senhor é o amor que só tem quem já conhece a Jesus, aleluia, amém...Deus é a rocha da

minha salvação, com ele não há mais condenação...”, após o cântico todos vão para suas respectivas salas. Em outro dia canta-se uma música diferente: (“Entra na minha casa, entra na minha vida, mexe com minha estrutura, sara todas as feridas...”). E ainda em outro dia: (“coração do menino e da menina que tem Jesus é diferente...”).

Nesses trechos podem-se responder algumas perguntas exploratórias dessa pesquisa. A escola possui um ritual religioso que é rotina, as crianças cantam os hinos religiosos tocados na escola e confirma também a asserção principal, que a música, por exemplo, cantada todos os dias influencia no letramento dos alunos, à medida que as letras das músicas são aprendidas e cantadas pelas crianças, proporcionando assim a imersão destas em um contexto diário em contato com a cultura musical e letrada que esse momento lhes proporciona. Na primeira aula foi observado que os alunos têm um vínculo muito forte com o professor de inglês, Todos os alunos chamam o professor de tio, chamam todas as pessoas que trabalham na escola de tia e tio, inclusive eu que estava fazendo a observação. A faixa etária dos alunos é em torno de dez anos de idade. A sala de aula possui uma parede decorada com uma frase bíblica: “ame ao seu próximo como a você mesmo”. Essa frase revela que a influência religiosa está presente através de várias formas na escola e o incentivo à leitura tanto da Bíblia como de outros livros como veremos a seguir. A professora incentiva os alunos a escolherem livros que gostam na biblioteca da escola, confirmando que os alunos têm uma cultura de letramento, que gostam de ler e são influenciados a isso.

### **3.2.2. Sala de vídeo (22/05/2012)**

Antes de terminar a aula, os alunos do 3º ao 5º ano assistem a um vídeo sobre sexualidade. Os alunos riam muito quando mostrava o corpo dos meninos e meninas nos desenhos. O vídeo tinha frases bíblicas e ensinava a fazer sexo depois do casamento, falava que antes do casamento os jovens deviam se guardar, ensinava a não ficar no quarto com o namorado, não ter encontros sozinhos sem a família em casa, sempre mostravam personagens que se arrependeram de ter feito sexo antes do casamento e que agora buscavam o perdão de Deus.

Esse vídeo apresentado às crianças estava cheio de frases bíblicas e personagens que se arrependiam por ter feito o que segundo a igreja é errado, como sexo antes do casamento. Em nenhum momento, o vídeo orientou que os jovens usassem preservativos ou algo do tipo. Percebe-se aqui a influência que a religiosidade exerce sobre a escola e ensinamentos que

desejam preservar nos alunos. Dessa maneira fica respondido um dos objetivos específicos dessa pesquisa: que as atitudes dos professores em sala refletem a religiosidade, ou seja, a partir desse vídeo que tem o intuito de orientar sexualmente os alunos, os professores e coordenadora da escola influenciam diretamente o comportamento dos alunos, já que a orientação é justamente para obedecerem aos princípios que a igreja impõe.

### **3.2.3. Comemoração da Páscoa (04/04/2012)**

Neste dia pode-se afirmar que o objetivo geral dessa pesquisa foi respondido assim como todas as perguntas exploratórias, asserções e subasserções. Podemos observar vários fenômenos de letramento. Todos os alunos, inclusive os bem pequenos cantam músicas evangélicas com letras complexas e fazem orações. A comemoração da Páscoa foi realizada dentro da igreja que possui um acesso que liga diretamente à escola. Os alunos participaram ativamente de todos os momentos da festa que teve várias manifestações letradas como, música, oração, leitura da bíblia e explicação do que seria a Páscoa religiosa. Um momento interessante foi a coordenadora explicar aos alunos que o professor S também era pastor e ele fazer o ritual da santa ceia com as crianças explicando na bíblia o que significa. Abaixo o relato completo deste dia.

Os alunos da escola toda são levados para a igreja que tem uma porta de acesso dentro da própria escola, para comemorar a Páscoa. Primeiro colocaram uma música evangélica e todos pularam e cantaram (“pula, pula, pula, com Jesus é mais legal...”), Todos os alunos sabiam as músicas tocadas, até os menores. Todos cantavam e dançavam (“É assim, essa é a alegria do Senhor dentro de mim...”). A coordenadora canta uma música no microfone (“na casa de Deus tudo é bem quietinho, bem quietinho...”) para acalmar as crianças e começa a explicar que todos estão reunidos na igreja para celebrar a Páscoa, pede silêncio a todos e manda fecharem os “olhinhos” para falar com o Papai do céu, faz uma oração e todos repetem.

Começa uma peça de teatro. Uma professora representa uma criança e a outra a mãe. A que representa ser criança entra dizendo que ganhou um ovo e que a Páscoa é do coelhinho e do chocolate. A que faz a mãe explica que a verdadeira Páscoa é para celebrar o sacrifício de Jesus na cruz porque Ele nos ama muito. A menina entende e começa a tocar uma música, (“Não foi o coelhinho que morreu na cruz, quem foi crucificado foi o meu Jesus”) todas as crianças cantam e participam.

Colocam outra música, e os alunos menores vão para frente do palco da igreja cantar e dançar (“páscoa, páscoa, e soletram P A S C O A...”) Todos os alunos sabem as músicas. Uma das alunas sobe ao palco para cantar uma música com a professora (“Jesus deixou toda sua glória, veio ao mundo como homem pra nos salvar...”) e todos cantam junto apesar da letra ser um pouco complexa. Após esse momento, as professoras que estão apresentando perguntam se tem alguém que ainda não entregou sua vida a Jesus. Alguns alunos levantam as mãos. Então a professora chama um aluno que deve ter por volta de 9 (nove) anos para fazer uma oração e os outros alunos repetirem. Ele faz uma oração articulando bem as palavras.

As professoras chamam os alunos do maternal para apresentarem uma música no palco, uma menina de uns 5 (cinco) anos de idade canta em um microfone sozinha acompanhando a música ao fundo e os colegas cantam junto, porém os muito pequenos têm dificuldades em algumas partes da música que tem a letra repleta de palavras complicadas para eles (“Bem mais que as forças, poder e reis, que a natureza e tudo que se fez, bem mais que tudo, criado por tuas mãos Deus tu és o início, meio e fim bem mais que os mares, bem mais que o sol e as maravilhas que o mundo conheceu e as riquezas, tesouros desta terra Incomparável és pra mim, por amor sua vida entregou, meu Senhor humilhado foi, como a flor machucada no jardim, morreu por mim, pensou em mim, me amou”).

Após o momento de música, uma professora volta vestida de Maria mãe de Jesus e começa a contar uma historinha mostrando no painel gravuras que contam quando Judas chega com os soldados e dá um beijo em Jesus para mostrar que era Ele que devia ser capturado. Então conta que os soldados pegam Jesus e batem nele. Pergunta aos alunos se eles acham que Jesus sentiu dor, e todos respondem que sim. Conta que o povo manda crucificar Jesus e cospem e batem nele, fazem-no carregar uma cruz. Mostra na gravura Jesus na cruz, crucificado e fala que ainda assim Jesus amava a todos. A professora fala que o ladrão do lado de Jesus falou que acreditava em Jesus e pediu para ir com Ele para o céu, e Jesus responde que ele estaria sim no céu com Ele. O outro ladrão do outro lado não acreditou em Jesus e não foi para o céu. Continua a história falando que Jesus foi levado para um sepulcro após morrer, um lugar onde colocavam os mortos. Porém ao 3º dia Jesus ressuscitou que Jesus está vivo no céu. Ela fala isso e todos os alunos repetem. A professora diz que, para estar com Jesus, temos que entregar nossa vida para Ele. Então todos ajoelham e ela faz uma oração e pede que as crianças repitam. Todos repetem de joelhos que querem entregar seu coração a Jesus.

A coordenadora pergunta se todos entenderam o que é a Páscoa. Todos dizem que sim, que é a ressurreição de Jesus. Então os alunos são levados até o refeitório para tomarem uma

ceia simbólica. A coordenadora explica que o professor S também é pastor na igreja e que ele vai explicar o sentido da ceia. Ele começa a falar no microfone que na Páscoa devemos lembrar o que Jesus fez por nós na cruz, fala que o pão significa a carne e o suco de uva o sangue de Jesus. Explica que só deve cear quem é batizado, porém hoje os alunos tomariam a ceia para lembrar o que Jesus fez. Os professores começam a distribuir o suco e o pão e explicam que devem esperar até que todos recebam para comerem juntos. Os alunos se agitam muito nesse momento. Após todos receberem, o pastor S fala para todos comerem o pão juntos e lembrar o sacrifício de Jesus. Então todos tomam o suco de uva juntos também. Os alunos ficam muito agitados, levantam, pulam, gritam. O professor S pede silêncio porém não adianta. Então ele diz que Deus está vendo tudo. Somente assim os alunos se acalmam. Então finalizam com uma oração e os alunos são liberados.

Na comemoração da Páscoa podemos notar as consequências advindas do letramento, apontadas por Soares (1998), quando ela aborda que tornar-se letrado traz algumas consequências linguísticas, ou seja, pesquisas mostram que o letrado fala de forma diferente, já que os alunos demonstram na atividade relatada acima o domínio da cultura letrada que a religião e a escola propiciam aos mesmos, como: leitura da bíblia, cânticos evangélicos. E por consequência, as crianças alvo desse processo se apropriam dessas práticas letradas, de forma a aperfeiçoar e distinguir sua forma de falar.



## **CAPÍTULO IV**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante as observações podem ser respondidos todos os objetivos traçados e asserções: a escola confessional contribui muito para o letramento das crianças. Durante as aulas percebemos os alunos falando palavras mais complexas do que o habitual para crianças da mesma idade. A escola possui um ritual religioso como rotina. Todos os dias quando as crianças chegam à escola cantam um hino evangélico e algumas vezes fazem uma oração, Observamos que até mesmo os alunos bem pequenos de 5 (cinco) e 6 (seis) anos de idade participam cantando as músicas e fazendo orações, com isso é possível perceber a importância da religião na alfabetização, pois com os ensinamentos bíblicos os alunos têm acesso a palavras complexas e textos mais elaborados existentes na bíblia. Os funcionários e professores da escola possuem um vínculo pessoal muito íntimo, a maioria frequenta a mesma igreja que é a Assembleia de Deus responsável pela escola. Os que não fazem parte dessa igreja pertencem a outras igrejas evangélicas. Todos se tratam pelo nome de tio e tia, assim os alunos chamam todos os funcionários da escola. E dessa maneira possuem um vínculo de carinho e afinidade com os funcionários da escola e entre si. Todos os participantes da escola se tratam como se fossem uma grande família. Isso se deve ao fato de muitas vezes a religião influenciar no tratamento cotidiano. Observamos que muitas crianças também fazem parte da igreja de que a escola faz parte e os que não são da mesma fazem parte de outra igreja evangélica. Na comemoração da Páscoa relatada nas observações, podemos observar vários fenômenos de letramento. Todos os alunos, inclusive os bem pequenos, cantam músicas evangélicas com letras complexas e fazem orações. A comemoração da Páscoa foi realizada dentro da igreja que possui um acesso que liga diretamente à escola. Os alunos participaram ativamente de todos os momentos da festa que teve várias manifestações letradas como, música, oração, leitura da bíblia e explicação do que seria a Páscoa religiosa. Um momento interessante foi a coordenadora D explicar aos alunos que o professor S também era pastor e ele fazer o ritual da santa ceia com as crianças explicando na bíblia o que significa. Observou-se na festa de comemoração da Páscoa e durante as aulas a influência que os professores e funcionários da escola têm sobre os alunos para ensinar religião. Os professores falam sempre que os alunos têm que temer a Deus e obedecer para não serem castigados. Perceberam-se frases bíblicas espalhadas pela escola e os próprios alunos têm uma linguagem diferenciada

devido aos ensinamentos religiosos, sempre se preocupam em não estar fazendo algo que seja pecado e repreendem uns aos outros quando fazem algo que acreditam que seja errado, sempre colocando o nome de Deus ou de ensinamentos que aprenderam na igreja para justificar suas palavras.

## **PARTE 3**

### **PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS**

Com a conclusão desta etapa da minha vida acadêmica, surge uma gama de possibilidades e desafios diante de mim. Ao entrar para o curso de Pedagogia tinha muitas dúvidas a respeito do que faria futuramente, ou se prosseguiria com o curso. Como nunca desisto de nada que começo, fui até o fim e é com muita satisfação que cheguei até aqui. O curso foi muito mais do que imaginei e me deu um conhecimento que vou levar para a vida toda.

Por influência de minha religião, acabei enveredando-me pelo tema deste trabalho e pude ter a primeira experiência em sala de aula, já que no decorrer do curso nunca realizei estágio como forma de trabalho. Quando entrei em sala foi para observar e realizar minha pesquisa, o que me proporcionou conhecer esse mundo maravilhoso que é a educação na prática, pois além da teoria que aprendemos precisamos nos envolver para compreender e descobrir se é isso que realmente você deseja fazer, porque todo trabalho deve ser feito de preferência por prazer e com muita dedicação.

Assim, a partir dessa perspectiva de que o trabalho deve ser realizado da melhor maneira, não pretendo trabalhar em sala de aula em si. Desejo fazer ainda neste ano, o curso de Direito onde pretendo explorar essa área pensando futuramente em trabalhar em prol da educação, pois, com tudo que vi durante minha formação percebi que quero auxiliar e trabalhar com educação, mas de outras maneiras, onde eu possa de alguma forma mudar e transformar muitas coisas e deficiências que a educação brasileira ainda possui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTONI-RICARDO, S.M. **O professor pesquisador:** Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

ESCOLA CANTINHO CRISTÃO, **Projeto Político Pedagógico.** Guará DF, 2012. (Impresso).

HUBERMAM, Leo. **História da riqueza do homem:** Do feudalismo ao século XXI. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

JUNG, Neiva Maria e SEMECHECHEM, Jakeline. **Artigo: Eventos religiosos e suas práticas de letramento em comunidades multilíngues e multiculturais.** Universidade Estadual de Maringá. Fórum Linguístico, Florianópolis, v.6, n.2 (17-37), jul.-dez 2009.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento:** Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

OLSON, David R. **O mundo no papel:** As implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.